UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIENCIAS ECONOMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

GEORGE ROQUE BRAGA OLIVEIRA

ANÁLISE DOS IMPACTOS SÓCIO-ECONÔMICOS E CULTURAIS DAS AÇÕES DO INSTITUTO STEVE BIKO NO VESTIBULAR DA UFBA

SALVADOR
2008

GEORGE ROQUE BRAGA OLIVEIRA

ANÁLISE DOS IMPACTOS SOCIO-ECONÔMICOS E CULTURAIS DAS AÇÕES DO INSTITUTO STEVE BIKO NO VESTIBULAR DA UFBA

Versão preliminar do trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Tomé da Costa Mata.

SALVADOR
2008

Ficha catalográfica elaborada por Joana Barbosa Guedes CRB 5-707

Oliveira, George Roque Braga

O48 Análise dos impactos sócio-econômicos e culturais das ações do Instituto Steve Biko no vestibular da UFBA / Oliveira, George Roque Braga. – Salvador, 2008.

57f. tab. il.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA, 2008.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Tomé da Costa Mata.

1. Educação. 2. Mercado de trabalho. 3. Ações afirmativas. I. Oliveira, George Roque Braga. II.Título.

CDD – 331.8142

GEORGE ROQUE BRAGA OLIVEIRA

ANÁLISE DOS IMPACTOS SOCIO-ECONÔMICOS E CULTURAIS DAS AÇÕES DO INSTITUTO STEVE BIKO NO VESTIBULAR DA UFBA

Aprovada em julho de 2008.

Orientador _____

Prof. Dr. Henrique Tomé da Costa Mata.
Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA

_____

Antônio de Pádua Melo Neto
Prof MSc. da Universidade Estadual de Feira de Santana

_____

Miguel Arturo Chamorro Vergara
Prof. MSc. da Universidade Estadual de Santa Cruz

A todos ancestrais africanos pela sabedoria e maneira de ver a vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares e amigos. Em especial a Dilza Braga Oliveira, Germínio Roque Oliveira e Gimerson Roque Prado Oliveira, respectivamente, minha mãe, meu pai e meu irmão pelo apoio e votos de confiança. Lindinalva (Lindi) pelo companheirismo e pela compreensão em momentos de ausência e dedicação aos estudos. Valquer e Franklin, colegas de ginásio e verdadeiros amigos. Tia Zú pelo exemplo e pelo acolhimento nas férias em Amélia Rodrigues.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para realização desse trabalho. Sheila Regina, pelas ajudas "estatísticas"; Gim e Size, Dinha e André, pelo apoio nas transcrições e tabulações de dados e a prof. Yara pelas dicas gramaticais.

Ao professor Henrique Tomé pela orientação na pesquisa, pela paciência e pelo exemplo que passou a ser desde seu ingressou na FCE.

Agradeço a Danilo, amigo que apresentou o Instituto Steve Biko e aos sócio-contribuintes, fundadores, diretores e ex-diretores, professores, funcionários, ex-alunos e alunos do Instituto Steve Biko. Agradeço ao Instituto pelo aprendizado na vida pessoal e profissional. Com certeza, *"o jeito Biko"* de aprender fazendo tem contribuído para meu crescimento. Pelos "novos' amigos que sempre acreditaram na realização desse sonho. Em especial aos que participaram do Grupo GERAR: Jovens que acertaram ao aprender com os erros cometidos.

Aos colegas e amigos da SEMUR a quem compartilhei momentos de aprendizagem, dificuldades e conquistas. Em especial à Coordenação de Promoção Empresarial (CPE): Lucy, Paulo Rogério, Jaqueline (Super), Cristiane, Karinne (Próspera) e Viviane.

Aos amigos da FCE. Arrisco citar alguns nomes: Joilson e Luciana (casal de amigos), pelas ajudas bibliográficas e incentivo; Danielli e Rogério pelo companheirismo; Gardel, motivos não faltam; Cláudia Assis *(in memoriam)*, um dos momentos mais difíceis na FCE; Washington (da biblioteca), Rogério e Francivaldo (portaria).

Agradeço a cada um dos africanos que foram seqüestrados para o Brasil e que, com sangue e suor, resistiram e contribuíram para construção desse país.

Aprendemos com as nossas avós a não aceitar migalhas, a não entrar pelas portas de serviço e a não falar baixo diante dos racistas. Disso depende a nossa continuidade. Por isso, pensar e agir "fora da zona de controle da Casa Grande" é nossa missão, é o nosso destino! Essa memória ancestral e a nossa resistência nos protegem do massacre físico, cultural e mental.

Vilma Reis

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Análise dos impactos socio-econômicos e culturais das ações do Instituto Steve Biko no vestibular da UFBA” consolida um estudo voltado para inclusão sócio-econômica através da educação. Após abolição do trabalho compulsório em 1888, os africanos e seus descendentes passaram a reivindicar ações compensatórias que possibilitem reparar os danos históricos causados durante e após o regime escravista no Brasil. A intervenção do Estado, através da reserva de vagas nas universidades públicas para afro-descendentes, surge como uma das alternativas para amenizar as disparidades étnico-raciais existentes no país. O presente estudo, de natureza exploratória, tem como objetivo analisar a contribuição do Instituto Steve Biko (ISB) para a inserção de jovens negros na Universidade Federal da Bahia (UFBA) nos vestibulares dos anos de 2005 a 2008. Para realização do estudo foi realizada uma pesquisa de campo com os egressos do ISB aprovados na UFBA após a implementação do sistema de cotas que ocorreu no vestibular 2005.

Palavras-chave: Educação. Mercado de trabalho. ações Afirmativas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Característica da população de estudo 38
Tabela 2 – Cursos mais concorridos na UFBA 41
Tabela 3 – Relação de aprovados do ISB na UFBA e concorrências 2005-2008 43
Gráfico 1 – Aprovação dos vestibulandos do ISB no vestibular da UFBA 50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS UTILIZADAS

ABPN/UFSCAR	Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as)/ Universidade Federal de São Carlos
C&T	Ciência e Tecnologia
CCN	Cidadania e Consciência Negra
CESE	Coordenação Ecumênica de Serviço
CMCN	Conselho Municipal da Comunidade Negra
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
CSJ	Consórcio Social da Juventude
EDUCAFRO	Educação e Cidadania de Afro-descendentes e Carentes
FAETEC-RJ	Fundação de Apoio a Escola Técnica do Rio de Janeiro
FEMISP	Fundação Escola Superior do Ministério Público
FOQUIBA	Fórum de Quilombos Educacionais da Bahia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICEIA	Instituto Central de Educação Isaías Alves
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
ISC	Instituto Steve Biko
MARV	Movimento de Amor e Respeito à Vida
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MN	Movimento Negro
MNU	Movimento Negro Unificado
OGUNTEC	Projeto de Fomento à Ciência e Tecnologia
ONG	Organização Não Governamental
PDI	Projeto de Desenvolvimento Institucional
PEAC	Projeto Educacional Alternativa Cidadã
PIC	Projeto Inovadores de Curso
PNAD	Pesquina Nacional por Amostragem Domiciliar
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
POMPA	Projeto Mentes e Portas Abertas
PPCOR/LPP	Programa Políticas da Cor do Laboratório de Políticas Públicas
PVNC-RJ	Pré-Vestibular para Negros e Carentes do Rio de Janeiro
SEMUR	Secretaria Municipal da Reparação da Cidade do Salvador
SETRE	Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia.
SMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Cidade do Salvador
SPSS	*Statistical Package for the Social Sciences*
SSOA	Serviço de Seleção, Orientação e Avaliação
STF	Supremo Tribunal Federal
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNICAMP	Universidade de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO**

2 **REFERENCIAL TEÓRICO**
2.1 RELEVÂNCIA TEÓRICA E ARGUMENTATIVA DAS AÇÕES AFIRMATIVAS NA EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL
2.2 DISSEMINAÇÃO E DEMANDA SOCIAL DE CURSOS DE FORMAÇÃO PREPARATÓRIA PARA INCLUSÃO DE NEGROS E COMUNIDADE DE BAIXA RENDA NO ENSINO SUPERIOR DO PAÍS
2.2.1 **Expansão de cursos preparatórios para garantia de competitividade do negro no vestibular**
2.2.2 **A educação superior gratuita para negros: As cotas e o vestibular da Universidade Federal da Bahia - UFBA**
2.3 ABORDAGEM SÓCIO-ECONÔMICA E CULTURAL DA INSERÇÃO DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO

3 **A ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL INSTITUTO STEVE BIKO E SUA FUNÇÃO SOCIAL**
3.1 BREVE HISTÓRICO DA ORIGEM E ATUALIDADE FUNCIONAL DO INSTITUTO STEVE BIKO
3.2 A PERSPECTIVA HISTÓRICA E SÓCIO-CULTURAL DA ABORDAGEM DA DISCIPLINA “CIDADANIA E CONSCIÊNCIA NEGRA” NO CURSO PRÉ-VESTIBULAR DO INSTITUTO STEVE BIKO

4 **METODOLOGIA**

5 **RESULTADOS E DISCUSSÕES**
5.1 PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS EGRESSOS DO INSTITUTO STEVE BIKO APROVADOS NO VESTIBULAR DA UFBA - 2005 A 2008
5.2 A CONTRIBUIÇÃO DO INSTITUTO CULTURAL STEVE BIKO NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA NEGRA E ELEVAÇÃO DA AUTO-ESTIMA DOS JOVENS NEGROS PARA INGRESSO NA UFBA
5.3 EXPECTATIVA DOS EGRESSOS DO ISCB EM RELAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO

6 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

REFERÊNCIAS

1 **INTRODUÇÃO**

A adoção das ações afirmativas para o acesso de negros às universidades públicas no Brasil, na maioria dos casos, é passível de interpretações ideológicas que desqualificam os propósitos de implementação do programa e atendimento ao público que pretende beneficiar.

As interpretações favoráveis à adoção de tais medidas vêem nessas ações compensatórias uma possibilidade de reparação histórica aos descendentes de negros no país. Todavia, existem correntes que – embora sejam contrárias a essas ações – assumem uma postura participativa e construtiva no sentido de viabilizarem mecanismos eficientes para resolução desse problema social.

O surgimento de cursos preparatórios, a partir da década de noventa, tinha como público-alvo os negros e carentes. Esse recorte racial é resultado das reivindicações de movimentos sociais para reparar as desigualdades históricas, como a falta de oportunidade e a carência de políticas públicas voltadas para a reparação social dos danos causados aos negros e às negras e seus descendentes no período da escravidão e pós-abolição.

Com relação ao recorte econômico, dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (Brasil, 2008d) demonstram que, dos 22 milhões de brasileiros abaixo da linha de pobreza[1], 70% são negros. Estima-se que existam 53 milhões de pobres no país, dentre estes, os negros representam o percentual de 63%. Segundo a mesma pesquisa, a média do salário auferidos pelos negros correspondiam a 48% do salário dos brancos e as mulheres negras recebiam 2/3 dos salários dos homens bancos. Em relação ao total de universitários brasileiros, 97% são brancos, contra 2% de negros e 1% de amarelos.

Segundo dados do Pnud (2008), o Brasil ocupa o 73º lugar, com um IDH[2] 0,766. Dados do Censo 2000, divulgados pelo IBGE, revelam que no país, os negros têm participação de 70%

---

[1] Linha que indica insuficiência de recursos econômicos para satisfazer as necessidades básicas mínimas de alimentação de acordo com um mínimo de ingestão de calorias.

[2] Índice de Desenvolvimento Humano é um indicador baseado na média aritmética simples de três indicadores relativos a aspectos fundamentais da condição de vida – a esperança de vida ao nascer, o nível educacional e PIB/Per capita. IDH entre 0 e 0,499, é considerado baixo. IDH entre 0,500 e 0,799, é considerado médio e IDH de um país está entre 0,800 e 1, é considerado alto.

entre os 10% mais pobres e 16% entre os 10% mais ricos. Segundo a PNAD[3] (1999), no Brasil, os brancos eram 2,5 vezes mais ricos que os negros.

Essa constatação reforça o argumento de que é preciso estabelecer ações afirmativas que atendam aos dois recortes (social e econômico). Os cursos preparatórios, baseados em ações afirmativas, possuem papel relevante na qualificação dos negros e carentes. Essa iniciativa busca, por meio da educação, possibilitar a inserção do público–alvo no mercado de trabalho, além de contribuir para a redução das diferenças sócio-econômicas e culturais que envolvem os negros e os carentes.

No âmbito das iniciativas educacionais baseadas em ações afirmativas destaca-se o Instituto Steve Biko (ISB) como pioneiro na formatação de curso preparatório de negros e carentes para o vestibular. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar a contribuição do Instituto Steve Biko para a inserção de jovens negros na Universidade Federal da Bahia (UFBA) nos vestibulares dos anos de 2005 a 2008.

Como objetivos específicos, este trabalho pretende traçar o perfil sócio-econômico dos egressos do ISB aprovados no vestibular da UFBA 2005 a 2008; analisar a contribuição do ISB na formação da consciência negra e elevação da auto-estima dos jovens negros para o ingresso no vestibular da UFBA, no mesmo período e por último mapear a expectativa dos egressos do ISB em relação ao mercado de trabalho.

Com este propósito, o trabalho consta desta introdução, mais quatro partes e considerações finais. Na primeira parte, apresentam-se as discussões teóricas acerca do trabalho, com ênfase na importância das ações afirmativas, destacando especialmente a disseminação e demanda social dos cursos preparatórios para inclusão de negros e comunidade de baixa renda no ensino superior do país. Na segunda parte, é apresentado o Instituto Steve Biko, destacando a sua função social e o seu papel na contribuição da formação dos negros e carentes. Na terceira parte é apresentada a metodologia utilizada na construção deste trabalho. Na quarta parte, são apresentados os resultados das informações obtidas e as discussões acerca das constatações, e por fim, são apresentadas considerações finais do trabalho.

[3] Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 RELEVÂNCIA TEÓRICA E ARGUMENTATIVA DAS AÇÕES AFIRMATIVAS NA EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL

A discussão da eficiência das ações afirmativas e reserva de vagas (cotas) não é um assunto novo, pelo contrário, ela tem polarizado discussões e debates sobre essa questão, principalmente na mídia, nas universidades e em outros fóruns importantes. Em relação à constitucionalidade das ações afirmativas, o Estado deve, além de permitir o recorte racial em suas ações, ser protagonista de políticas públicas compensatórias para a população negra. Tal posicionamento pode ser encontrado na Constituição Federal, que segundo Vida (2005):

> [...] não apenas autoriza a adoção de políticas de ação afirmativa de caráter compensatório e promocional para a população negra, como, efetivamente, impõe tais iniciativas como dever do Estado, no cumprimento dos objetivos constitutivos da República (VIDA, 2005, p. 97).

O acesso à educação possibilita a melhoria da qualidade de vida da população, da elevação de renda e do crescimento do país. A juventude é a camada mais prejudicada e mesmo com a expansão do número de vagas ao longo do século passado, as desigualdades no âmbito escolar continuaram presentes.

As desigualdades na educação apresentam-se como um dos principais entraves para o desenvolvimento econômico do Brasil. Segundo o IBGE (IBGE, 2008), houve uma queda na taxa de analfabetismo no Brasil. Essa taxa corresponde às pessoas que não sabem ler e escrever e em 1970 correspondia a 33,60% da população, em 1980 a 25,50%, em 1991 apresentou uma taxa de 20,10% e em 2000 13,60%. Em 2002, com uma taxa de 11,8%, a taxa de analfabetismo corresponde a quase 1/3 da taxa apresentada em 1980 um contingente de 14,6 milhões.

Ainda de acordo com o IBGE (IBGE, 2008), o analfabetismo funcional, aquele que corresponde a uma escolaridade inferior a 4 anos de estudo, em 1992 tinha uma média nacional de 36,9% e passou para 26% em 2002. Dentre as regiões do Brasil, a Nordeste teve a maior média entre os analfabetos informais, 55,2% e 40,8%, respectivamente nos anos de 1992 e 2002. A menor média em 1992 foi alcançada pela região Sul, 28,9% e em 2002 pela

região sudeste com 19,6%. No final do século XX, entre as crianças com idades entre 7 e 14 anos, 96,9% freqüentavam escola. Em 2002, entre as crianças com idades entre 0 e 6 anos, 36,5% não estavam matriculadas em creches ou escolas.

Dados do Pnud (2008) apontam que do percentual de brancos com diploma de nível superior passou para 11,8% (11,6% entre os homens e 12% entre as mulheres), entre os negros, 2,9% (3,1% entre as mulheres e 2,7 entre os homens). Mesmo com aumento do número de vagas em universidades – que avançou entre os anos de 1991 e 2000, passando de 1,4 milhão para quase 3 milhões de matriculados – o percentual de homens e mulheres negras reduziu de 19,7% para 19,3% .

Por meio da carta intitulada "Cento e treze cidadãos não racistas contra as leis raciais", entregue ao presidente do Superior Tribunal Federal (STF), o Ministro Gilmar Mendes, em 28 de abril de 2008, o movimento negro e os demais movimentos sociais que lutam pela conquista do Estatuto da Igualdade Social e pela Lei de Cotas foram surpreendidos pela manifestação contrária às ações afirmativas para negros por parte um grupo de "intelectuais da sociedade civil, sindicalistas, empresários e ativistas dos movimentos negros e outros movimentos sociais". O texto solicita a suspensão das cotas para negros nas universidades e do programa ProUni[4] e entre os 113 cidadãos cabe destaques para algumas personalidades como o cantor baiano Caetano Veloso, o escritor baiano João Ubaldo Ribeiro, a antropóloga e ex-primeira dama Ruth Correa Leite Cardoso, Yvonne Maggie, Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o coordenador nacional do movimento negro socialista, José Carlos Miranda.

Em contrapartida, em 13 de maio de 2008, um outro documento organizado por representantes e entidades do movimento negro foi entregue ao presidente do STF[5]. Entre as inúmeras idéias e questões contrárias à “carta dos 113” defendem que:

---

[4] O Programa Universidade para Todos (ProUni) foi instituído por meio da Medida Provisória Nº 213, de 10/9/2004. O ProUni é destinado à concessão de bolsas de estudo integrais e bolsas de estudo parciais de 50% (meia-bolsa) para cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior, com ou sem fins lucrativos. O programa prevê a reserva de vagas para negros e índios. O número de bolsas terá que ser, no mínimo, o percentual de cidadãos autodeclarados pretos, pardos e indígenas no último censo do IBGE de cada estado. Disponível em: < http://www.prouni.com.br >.

[5] Com o título: 120 anos da luta pela igualdade racial no Brasil - manifesto em defesa da justiça e constitucionalidade das cotas , documento que tem entre seus redatores Alexandre do Nascimento – PVNC-RJ / FAETEC-RJ; Carla Patrícia Frade Nogueira Lopes – Juíza de Direito, Escola da Magistratura-DF; Carlos Alberto Medeiros – Jornalista; Carlos; Henrique Romão de Siqueira - CEPPAC-UnB; Frei David Raimundo dos Santos - EDUCAFRO-SP; João Jorge Rodrigues – Bloco Afro Olodum-BA; José Jorge de Carvalho – UnB;

> As avaliações realizadas até o momento mostram que, sem sombra de dúvida, apenas nos últimos cinco anos houve um índice de ingresso de estudantes negros no ensino superior maior do que jamais foi alcançado em todo o século XX. (SANTOS, 2008b, p.311)

Segundo Santos (2008b), a carta dos 113 (SANTOS, 2008a) foi escrita por um grupo conservador majoritariamente formado por professores universitários: "são basicamente acadêmicos: 80 deles são professores universitários e pesquisadores; desses 80, apenas um é negro [...]" e fazem uma leitura que não representam nem minimamente a comunidade brasileira. Para eles a carta dos 113 é formada por professores universitários do eixo Rio - São Paulo - Minas. Isso porque consideram que praticamente um terço dos que assinam a carta são oriundos da UFRJ, USP e UNICAMP. Além de adesões importantes oriundas da UFMG. Mesmo entendendo que os negros têm todo direito de serem porta-voz de sua própria história, tal argumento é combatido por tratar-se de um conservadorismo, contudo faz-se necessário refletir se ao utilizá-lo não é uma contradição, uma vez que alguns negros também aderiram á carta assinada pelos 113.

Apesar do debate específico acerca das ações afirmativas para negros nas universidades e, em especial, a reserva de vagas (cotas), as ações afirmativas têm um conceito muito mais amplo e abrangente. Esses conceitos surgiram na Índia e já foram implementados em países como a África do Sul, Malásia, Estados Unidos, Canadá e Nigéria. Segundo o manifesto em defesa da justiça e constitucionalidade das cotas, as ações afirmativas podem ser definidas como:

> [...] um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero e de origem nacional, bem como para corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como a educação e o emprego. (BARBOSA *apud* SANTOS, 2008a, p. 22)

Em um ponto os dois grupos concordam: somente a adoção de cotas não resolverá o problema educacional no país, uma vez que existe deficiência "de base" no ensino público. A medida a ser adotada deve ser a melhoria do ensino público (ensino fundamental e médio). O que a reserva de vagas possibilita é que os que tiveram maior acesso e oportunidades de ensino-aprendizagem concorram entre si e que os demais concorram em outro grupo. Para Kamel

(2006) as cotas não devem ser implementadas por que os estudantes cotistas terão acesso ao ensino superior sem o devido mérito. Ele defende a idéia da melhoria do ensino público e que, em conseqüência, haverá a inclusão de negros nas universidades. Sobre as costas raciais e a melhoria do ensino público no país ele diz que: “Os negros brasileiros não precisam de favor. Precisamos apenas de ter acesso a um ensino básico de qualidade, que lhes permita disputas de igual para igual com gente de toda cor.” (KAMEL, 2006, p. 95).

Este argumento não leva em consideração que aqueles que já concluíram o ensino médio em escolas públicas não seriam beneficiados com tal melhoria O que os defensores da adoção das cotas defendem é que a melhoria do ensino público não ocorrerá a curto prazo de forma a garantir aos estudantes de escolas públicas e particulares concorrerem com as mesma oportunidades aos concursos vestibulares.

Outro fato importante a ser considerado é que a melhoria do ensino público pode demorar mais de uma década até conseguirmos uma equidade efetiva. Sem contar que a adoção de cotas não é excludente à melhoria da escola pública. È importante lembrar que essas medidas são temporárias e têm um caráter emergencial, uma vez que os negros estiveram à margem da sociedade, são vítimas de violência e possuem péssimas condições de vida, saúde, moradia e desemprego.

Ainda sobre o mérito relacionado à reserva de vagas nos vestibulares, argumento utilizado na “carta dos 113” e na maioria dos discursos contrários ao sistema de cotas refere-se à certa inferioridade devido, por parte dos cotistas, à reserva de vagas que lhe foi garantida. Sobre esse critério da “meritocracia”, Santos (2008a) considera que os candidatos às cotas: “[...] precisam alcançar os padrões objetivos de avaliação estabelecidos pelas universidades.” Em especial, no caso da UFBA, possuidora de um dos vestibulares mais difíceis do norte e nordeste do país, existe um ponto de corte aplicado a todos os candidatos.

Nessa mesma linha de pensamento, de garantir crédito ás pessoas, abordada sobre a questão do mérito, acredita-se que os cotistas não são capazes de obter uma pontuação satisfatória para aprovação no vestibular. Pesquisas realizadas entre cotistas de duas universidades públicas do Estado da Bahia revelam o contrário, dentre os cotistas houve um aproveitamento satisfatório e em alguns casos acima da média, sem contar que a evasão entre os cotistas foi

inferior a média. A UFBA, em relação à avaliação da primeira turma de cotistas que ingressaram em 2005 diz que:

> Avaliação de desempenho do primeiro grupo de estudantes que ingressou na Universidade Federal da Bahia pelo Programa de Ações Afirmativas demonstra que em 56% dos cursos, os cotistas obtiveram coeficiente de rendimento igual ou melhor aos não-cotistas (ISB, 2008).

As ações afirmativas e as cotas raciais no Brasil devem ser adotadas mediante a adoção de outras medidas que possibilitem a reparação dos danos psicológicos e materiais causados aos negros e seus descendentes. Visto que a reserva de vagas, como única medida, não resolverá as diferenças sócio-raciais existentes entre brancos e não-brancos no país. Contudo, essas medidas são de extrema importância para garantir que as universidades, em especial as públicas e gratuitas, sejam social e proporcionalmente representadas. Além de possibilitar a inclusão sócio-educacional de camadas da população brasileira são pouco representadas no ambiente acadêmico.

2.2 DISSEMINAÇÃO E DEMANDA SOCIAL DE CURSOS DE FORMAÇÃO PREPARATÓRIA PARA INCLUSÃO DE NEGROS E COMUNIDADE DE BAIXA RENDA NO ENSINO SUPERIOR DO PAÍS

2.2.1 Expansão de cursos preparatórios para garantia de competitividade do negro no vestibular

Organizado de forma a atender especificidades, o Movimento Negro (MN) apresenta-se em instituições culturais, como os blocos carnavalescos e os blocos afros; organizações que denunciam o crime de racismo e violação dos direitos humanos; organizações que buscam elevar a escolaridade da população negra através do ingresso nas universidades.

Além de movimento de mulheres negras, de grupos que combatem e denunciam as diversas formas de violência, religiosos, grupos de juventude negra e movimento *hip hop* e tantos outros que, apesar de estarem segmentados, atuam na perspectiva de contribuir para a conscientização política, elevação da auto-estima e ascensão social da população negra. Devido a essa segmentação é comum a utilização do termo “movimentos negros”, por causa da grandiosidade de especificidades do MN no Brasil.

Para a superação das desigualdades e construção de uma sociedade igualitária, digna e mais justa, o movimento negro vem alcançando algumas vitórias, que para Tavares (2006) são poucas, porém significativas. Dentre elas, o projeto de Lei 4.370/98 e a Lei 10.639/03 estabelecendo, respectivamente, cotas para artistas negros em filmes publicitários e obrigando o ensino de história da áfrica e cultura afro-brasileira em escolas públicas e privadas. A participação do Brasil em 2001, na Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, em Durban (África do Sul), em 2001, levou a um comprometimento internacional por parte do Brasil na redução das desigualdades raciais.

Referindo-se às formas de como pensar a sociedade brasileira em termos raciais, Bairros (2006) considera que o movimento negro brasileiro é responsável, devidos às ações promovidas, por romper o consenso que havia entre as elites e que hoje não existem propostas consensuais de como tratar do racismo e das desigualdades raciais. A atuação do movimento negro brasileiro, nas três últimas décadas, ocasionou uma mudança na política racial brasileira. Essa mudança tem com aspecto central a desmistificação da democracia racial no Brasil, uma vez que as relações raciais, entre negros e brancos, deixam de ser explicadas por esse modelo hegemônico. A autora identifica alguns aspectos contribuintes para a falência do mito da democracia racial. Para Bairros:

> Afirmar que a falência do mito da democracia racial, significa que hoje, no Brasil, não existe mais uma narrativa hegemônica que consiga, com a mesma força da formulação anterior, 'naturalizar' tanto os privilégios de ser branco, como as desvantagens de ser negro (BAIRROS, 2006, p. 12).

No âmbito nacional, o primeiro deles é a criação do Movimento Negro Unificado/MNU em 1978, fruto da união de várias entidades do movimento negro na época. O segundo pode ser dividido em dois momentos e ocorreram em 1988, com as manifestações contrárias à comemoração dos 100 anos de abolição da escravatura no Brasil e o outro com a inclusão do racismo como crime inafiançável na constituição. O terceiro aspecto ocorreu em 1995, quando se comemorava os trezentos anos da morte de Zumbi, havendo em Brasília uma grande manifestação denominada: A marcha zumbi dos palmares, contra o racismo, pela cidadania e a vida. O último momento recente apontado pela autora e, já mencionado, ocorreu em 2001, a participação na III Conferência Mundial Contra o Racismo em Durban, África do Sul. A autora não cita, porém foi de fundamental importância para o estado da Bahia e do país o surgimento do bloco afro Ilê Aiyê em 1974 e a fundação do Instituto Steve Biko em 1992, dentre outros.

Devido às ações do Instituto Steve Biko, o primeiro cursinho pré-vestibular para negros do país, inserindo durante quase quinze anos, por meio dos vestibulares, mais de 800 estudantes em universidades públicas e privadas de todo estado da Bahia, ocorreu a disseminação dessa idéia em todo o país: "O Instituto foi a primeira organização do cenário nacional a ter como missão a luta pela garantia do acesso dos afro-descendentes à Universidade" (ISB, 2008). Em relação ao ISB, este surgiu como o primeiro curso preparatório para negros. A experiência pioneira serviu como referência para o surgimento de outras iniciativas no estado e no país, a exemplo do curso pré-vestibular para negros e carentes na Baixada Fluminense em 1993.

Através da orientação e capacitação dos envolvidos, esses cursos buscam a inserção de grupos poucos representados nos espaços acadêmicos, em particular, a população negra, que apesar de representar cerca de 45% da população nacional não tinha a mesma representatividade nas universidades públicas. Alguns autores são favoráveis a esses cursos, destacando que:

> [...] os pré-vestibulares populares tencionam e questionam a elitização da universidade brasileira, pautando sua democratização, e o fazem vinculando-a à questão racial como uma dimensão fundamental e indissociável. (SANTOS, 2005, p.232)

Outro exemplo é o Projeto Educacional Alternativa Cidadã, no Rio Grande do Sul,

> O Projeto Educacional Alternativa Cidadã surgiu em abril de 2000, a partir da iniciativa de um grupo de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que já atuava em um curso pré-vestibular popular chamado Zumbi dos Palmares que, por sua vez tem sua origem no Rio Grande do Sul em 1995, vinculado ao movimento negro e inspirado nos exemplos dos Projetos Steve Biko da Bahia e do Pré-vestibular para Negros e Carentes (PVNC) do Rio de Janeiro, ambos fundados em 1992 (PEAC, 2008).

O termo quilombo foi utilizado no período da escravidão para caracterizar um espaço composto majoritariamente por negros procurando abrigo e proteção contra os senhores. Aliados, estes negros resistiam às torturas e desumanidades a que eram submetidos nas senzalas. O quilombo de palmares foi o maior, mais temido por parte das elites e o mais combatido. Seu ultimo líder foi Zumbi, um dos líderes negros mais conhecidos nos livros de história do Brasil.

Sobre os quilombos e as formas de resistência por parte da população negra Tavares (2006) diz:

> [...] antes da abolição da escravidão, em 1888, os quilombos já representavam a recusa dos negros em ter sua voz e cultura amordaçadas, após a sanção da Lei Áurea suas manifestações culturais, espalhadas por todo país [...]" (TAVARES, 2006, p. 91).

No final dos anos 1990, o termo quilombos foi reutilizado para as instituições do movimento negro que lutavam em prol do aumento da escolarização da comunidade negra. Portanto, quilombos educacionais são instituições que buscam a promoção e a ascensão da população negra através da educação formal, profissional, promoção da equidade, direitos humanos e combate ao racismo, além de outros. Têm como público alvo, majoritariamente, jovens negros e negras, oriundos de escolas públicas, de baixa renda e moradores de bairros de periféricos. Suas principais ações estão ligadas ao acesso e permanência do público envolvido no ensino superior.

> Nesse processo de difusão pela sociedade da crítica do mito da democracia racial, um dos principais agentes/meios são os pré-vestibulares populares de corte racial. Difundido pelo país ao longo dos anos 90, eles abriram portas para uma nova dimensão de publicização das agendas do movimento negro brasileiro (SANTOS, 2005, p. 231).

O Fórum de Quilombos Educacionais da Bahia (FOQUIBA) surge em 2001 a partir da experiência das organizações negras que têm como principal ação inserir negros e carentes nas universidades através de cursinhos pré-vestibulares. Ao formarem essa rede, essas entidades buscam superar as desigualdades raciais e sociais a que seu público alvo está inserido. Oito instituições participaram da fundação deste Fórum: Quilombo Milton Santos (bairro IAPI); Quilombo Irmã Bakhita (Sussuarana); Quilombo Semear (São Gonçalo do Retiro); Quilombo MARV (Itinga - Lauro de Freitas); Quilombo Coequilombo (Plataforma); Quilombo Cabricultura (Cabrito de Baixo); Quilombo do Orobu (Cajazeiras) e o Quilombo ISB, o pioneiro entre os quilombos educacionais no país.

Com objetivo de trocar informações, de fortalecimento de suas ações e para darem apoio a novos grupos que demonstrassem interesse, em 2001 oito pré-vestibulares para negros (e carentes) resolveram fundar o Fórum de Quilombos Educacionais da Bahia (FOQUIBA). A autonomia e a dinâmica de cada Quilombo foram mantidas e após quase 08 anos, o

FOQUIBA realizou ações de fortalecimento, financiamento e troca de experiências além da inclusão de outros Quilombos Educacionais. Um outro objetivo do FOQUIBA é possibilitar o desenvolvimento institucional da instituições membros do fórum através da troca de experiência e busca conjunta de soluções. De acordo com texto publicado pelo FOQUIBA, cada quilombo educacional, tem uma dinâmica própria de funcionamento, compartilha a idéia de ter a educação e a formação político-racial como principais recursos para vencer o quadro de subjugação social em que a juventude negra se encontra (FOQUIBA, 2001).

O Instituto Steve Biko serviu como referência para a multiplicação de uma experiência pioneira e que tem contribuído, em diversos estados do país, para a inserção de negros e estudantes de baixa renda nas universidades. Esses cursos preparatórios, além desse importante papel, possibilitam a discussão acerca da questão racial e contribuem para o aumento da competitividade, por parte dos estudantes negros, de baixa renda e oriundos de escolas públicas. A democratização do espaço acadêmico é outro objetivo e está de acordo com uma das frases mais conhecidas de Steve Biko ao dizer que: "A arma mais potente do opressor é a mente do oprimido". Portanto, esses cursos ao promoverem a consciência negra, a auto-estima e a elevação de escolaridades estão "desarmando" os opressores e tornam possível o acesso de seus públicos alvos às universidades.

2.2.2 A educação superior gratuita para negros: As cotas e o vestibular da Universidade Federal da Bahia - UFBA

O acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade motiva a cada ano, centenas de estudantes a prestarem concursos vestibulares. No caso da UFBA, essa seleção para o ingresso ocorre uma vez por ano e é composta de duas etapas. Concorrem a aproximadamente 4 mil vagas, cerca de 35 mil candidatos. A UFBA tem como missão:

> [...] produzir, socializar e aplicar o conhecimento nos diversos campos do saber, através do ensino, da pesquisa e da extensão, indissociavelmente articulados, de modo a contribuir para o desenvolvimento social e econômico do País e do estado da Bahia e promover a formação de profissionais qualificados para o mundo do trabalho e capazes de atuar na construção da justiça social e da democracia (UFBA, 2008a, p. 8).

Educação, saúde (longevidade) e distribuição de renda são os três principais indicadores do IDH. Dentre as principais desigualdades entre negros e brancos, a educação é apontada como

uma das principais disparidades. Segundo PNUD (2008), no que se refere às pessoas com mais de 30 anos, em 1960 apenas 1,8% dos brancos (3% de homens e 0,49% de mulheres) haviam concluído o ensino superior. Entre os negros, o percentual era de 0,13 (0,21 entre os homens e 0,04% entre as mulheres). Após quarenta anos, em 2000, houve um avanço considerável em relação á esses percentuais, contudo as disparidades foram mantidas.

A Resolução 01/2004 (UFBA, 2008b), além de outros atributos, instituiu o sistema de cotas na UFBA a partir do vestibular 2005. A reunião do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da UFBA, que ocorreria na sala dos Conselhos Superiores, foi transferida para o Salão Nobre da Reitoria. A mudança foi fruto da presença "maciça" de mais de 1000 militantes do movimento negro e de outros movimentos sociais que assistiram á reunião. Segundo a resolução publicada em 26 de julho de 2004 que garante uma percentagem mínima de negros nos vestibulares:

> Haverá reserva de vagas em todos os cursos de graduação da UFBA, a serem preenchidas conforme estabelecido neste artigo: I - 43% (quarenta e três por cento) das vagas de cada curso serão preenchidas na seguinte ordem de prioridade: a) estudantes que tenham cursado todo o ensino médio e pelo menos uma série entre a quinta e a oitava do ensino fundamental na escola pública, sendo que, desses, pelo menos 85% (oitenta e cinco por cento) de estudantes que se declarem pretos ou pardos (UFBA, 2008b).

Além da reserva de vagas para negros, a resolução 01/2004 (UFBA, 2008b) destina 2% (dois por cento) das vagas de cada curso para estudantes que se declarem índios descendentes e que cursaram, em escola pública, da quinta série do ensino fundamental até a conclusão do ensino médio. Para que esse acesso ocorra, o candidato à vaga não deve ser eliminado na segunda fase do vestibular e sua nota da primeira fase deve ser superior ao ponto de corte. Acreditar que o sistema de cotas reduzirá o nível dos estudantes da universidade passa a ser uma falácia, visto que uma das primeiras barreiras enfrentadas pelos cotistas é ultrapassar a nota mínima exigida. A respeito do ponto de corte:

> [...] é um limite mínimo de desempenho nas provas, variável a cada ano e estatisticamente determinado em função da média aritmética e do desvio-padrão dos escores parciais dos candidatos não eliminados por ausência ou zero, no conjunto das provas dessa primeira fase (UFBA, 2008b).

Referindo-se ao vestibular da UFBA, que consiste numa seleção compostas em duas etapas, onde serão testados os conhecimentos adquiridos ao longo da vida escolar, as desigualdades sócio-raciais e baixa auto-estima podem dificultar a conquista desse objetivo. Principalmente

se o candidato à vaga for um jovem negro, oriundo de escola pública e vulnerável a diversos tipos de violência. Apesar do pouco tempo para ser feita uma avaliação mais aprofundada, a UFBA tomou iniciativa importante com a adoção das cotas ao garantir reserva mínima de 45% no ingresso, através dos vestibulares, de estudantes oriundos de escolas públicas.

Outra medida importante é determinar que, entre os que ingressarem pelo sistema de cotas, estejam entre os cotistas, além da reserva para índios e quilombolas, 85% de negros identificados de acordo com o questionário sócio-econômico aplicado na inscrição para o vestibular. Em dezembro de 2008 está previsto a conclusão do curso da primeira turma dos que ingressaram pelo sistema de ações afirmativas na UFBA. Espera-se que esses novos profissionais absorvidos pelo mercado de trabalho e que as desigualdades socioeconômicas diminuam em todo o Estado.

2.3 ABORDAGEM SÓCIO-ECONÔMICA E CULTURAL DA INSERÇÃO DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO

O fim da escravidão no Brasil não permitiu a inclusão da grande maioria dos ex-escravizados nas esferas econômicas e de poder da época. Sem direito a indenização ou outro tipo de assistência, a maioria dos negros que obtiveram liberdade com a assinatura da Lei Áurea juntaram-se aos outros que já obtinham alforrias ou nasceram livres. Houve uma quase ausência de políticas públicas que permitissem a inclusão dessa parcela, antes escravizada, após liberta e entregue à "própria sorte" e tem reflexos no mercado de trabalho. Mesmo após 120 anos, no Brasil, parcela considerável da pobreza é fruto desse processo de trabalho compulsório e de uma liberdade sem condições de inserção social:

> Somos inapelavelmente um dos países mais desiguais do mundo há muitas décadas. Temos ainda hoje 15% da população vivendo com uma renda que nem mesmo supre suas necessidades alimentares básicas. E a pobreza no Brasil tem cor e tem idade. Crianças e negros, eis a maioria dos brasileiros sem direitos fundamentais em um país que se deseja moderno, mas que ainda não se encontrou com a modernidade. Um país que ainda recusa direitos básicos que mesmo em outros países em desenvolvimento foram conquistados há décadas (BRASIL, 2008c).

O reconhecimento de que a pobreza no Brasil é composta, em sua grande maioria, por negros, proferido pelo então Ministro da Fazenda, Antonio Palocci, revela um avanço no que se refere ao reconhecimento das relações raciais no país por parte do Governo.

De acordo com o relatório (PNUD, 2008), quando analisado segundo o recorte racial (cor e raça), entre negros (pretos e pardos) e brancos percebe-se uma exorbitante diferença entre esses dois grupos. A população branca obtém um IDH-M de 0,814 e posição 44º, assemelhando-se a países como Costa Rica e Kuwait. Por outro lado, a população negra obteve IDH-M de 0,703 ocupando a posição 105º, próximo a países como El Salvador e Moldávia, revelando uma distância de 61 posições.

Sobre a invisibilidade das discussões sobre a questão racial no Brasil, o professor Hélio Santos diz:

> Os cientistas sociais e economistas, quando falam em miséria, desemprego, falta de moradia, concentração de renda, violência e outros tópicos relacionados ao barbarismo social brasileiro, nunca identificam os protagonistas dessa tragédia, tendo como referencial a origem racial e étnica das pessoas envolvidas (SANTOS, 2003, p. 26).

Os formuladores de políticas públicas, ao estabelecerem medidas anti-pobreza, como políticas assistencialistas, qualificação profissionais, melhoria ou construção de casas populares, dentre outros, devem estar atentos para o perfil dos pobres. Desta forma podem utilizar políticas mais eficazes no combate à pobreza. A educação deve ser a base para a mudança das desigualdades, é através dela que o racismo deve ser combatido, sendo este muito mais amplo que o preconceito estando estritamente ligado ao poder.

Em respeito à saúde da população negra, constata-se, por meio do Pnud (2008), que os homens negros foram os mais prejudicados em relação à esperança de vida. Isso por que boa parte foi atingida pelo aumento da violência nas últimas décadas. Outro fato é, mesmo após a redução da mortalidade infantil, no Brasil, entre 1980 e 2000, a taxa das crianças negras mortas antes de completar um ano ainda é 66% maior que a das crianças brancas, dados de 1991 a 2000.

Segundo dados do Ipea (ATarde, 2008), caso sejam mantidas as condições atuais, seriam necessários 32 anos para igualar a renda dos trabalhadores negros e brancos no Brasil. De acordo com o estudo, em maio de 2008 a média dos salários dos negros era de R$ 558,24, o que representava 53% a menos do que a médias dos brancos que recebiam R$ 1.087,14. Mostra também que o desemprego entre os negros é de 9,3% e entre os brancos correspondia a 7,5%. O estudo traz uma projeção geográfica para o ano de 2010 na qual os negros (pretos e

pardos juntos) serão maioria absoluta, ou seja, os negros serão maioria da população do Brasil.

O Brasil desenvolveu um tipo de racismo que não é igual a nenhum outro no mundo. Alguns estudiosos acreditam não existir racismo no país, atrelando-o apenas ao ódio racial. Contudo, o racismo se apresenta de formas variadas e no Brasil “engessa” o desenvolvimento nacional ao não permitir que parcela considerável da população mantenha-se nas mais diversas situações de pobreza, miserabilidade e analfabetismo.

3 A ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL INSTITUTO STEVE BIKO E SUA FUNÇÃO SOCIAL

3.1 BREVE HISTÓRICO DA ORIGEM E ATUALIDADE FUNCIONAL DO INSTITUTO CULTURAL STEVE BIKO

Bantu Stephen Biko (Steve Biko) nasceu em 18 de dezembro de 1946 e lutou para o fim da política apartheid na África do Sul. Foi idealizador do Movimento de Consciência Negra, que buscava, através da elevação da auto-estima e resgate de valores ancestrais, o fim das desumanidades a que os negros sul-africanos estavam acometidos. Segundo os ideais do líder negro Steve Biko, era preciso enfrentar o racismo e as opressões através da luta pacífica. Por isso, a idéia da consciência negra aparece como alternativa e é implementado no ISB. Ao definir consciência Negra, Biko acredita que:

> A Consciência Negra é, em essência, a percepção pelo homem negro da necessidade de juntar forças com seus irmãos em torno da causa de sua atuação – a negritude de sua pele – e de agir como um grupo, a fim de se libertarem das correntes que os prendem em uma servidão perpétua. Procura provar que é mentira considerar o negro uma aberração do "normal", que é ser branco (DANTAS, 2001, p. 4).

O Movimento Negro no Brasil tem papel fundamental nas discussões acerca do fim das iniqüidades entre negros e não-negros. Através de instituições ou Organizações Não-Governamentais (ONG's), esse seguimento da sociedade civil organizada, conquista "avanços" que buscam reparar danos psicológicos, morais, físicos, educacionais e outros acometidos à população negra durante e após o trabalho compulsório no Brasil. Além de denunciar o mito da democracia racial.[6] A idéia de democratização do espaço acadêmico norteou as ações de quatro estudantes negros na capital baiana em 1992. Militantes do Movimento Negro baiano, esses quatro jovens estavam preocupados em tornar possível o acesso da juventude negra às universidades e fundaram o primeiro cursinho pré-vestibular para negros do país.

---

[6] O "Mito da democracia racial" consiste na idéia de que no Brasil as relações raciais são estabelecidas de forma harmônica. Segundo as palavras do Professor Samuel Vida: "Através de sutis mecanismos ideológicos, como a parente valorização da mestiçagem, combinados com sistemática e rigorosa ação repressiva, maximizada pela vinculação automática de negritude e bandidagem, e pela cotidiana violação dos direitos elementares da cidadania da do povo negro, pretende-se anular a resistência negra e diluir a identidade étnico-racial do afro-descendente".

O grupo surgiu com o nome de Cooperativa Educacional e para homenagear o líder sul-africano Bantu Stephen Biko assassinado em 1977 e passa a ser assim, denominado de Instituto Cultural Beneficente Steve Biko. Além do pioneirismo, a Biko, como é conhecida, tem reconhecimento no cenário nacional e internacional, recebeu diversos prêmios e já contribuiu para a inserção de mais de 800 jovens em universidades públicas e privadas. Atua também na preparação de jovens para o mundo do trabalho, formação de lideranças, ciência e tecnologia, inclusão digital, direitos humanos e anti-racismo, dentre outros.

Em relação à preparação para o mundo do trabalho e qualificação profissional de jovens para o primeiro emprego, o ISB atua através de cursos profissionalizantes. Um exemplo é a participação no Consórcio Social da Juventude - CSJ que durante os anos de 2003 e 2007 realizou cursos profissionalizantes para jovens de 16 a 24 anos, oriundos de escolas públicas, oferecendo-lhes bolsa (ajuda de custo) durante os 05 ou 06 meses de cursos e, após o curso, aumentando as possibilidades de inserção desses jovens no mercado de trabalho. Entre os cursos oferecidos destacam-se a formação para atendimento ao público na área de saúde e a formação para área administrativa. Outros cursos foram os de DJ e produção Cultural. O CSJ já possibilitou a formação continuada na área profissional de mais de 400 jovens no Instituto Steve Biko.

Em 2008, o Instituto é uma das treze entidades executoras do projeto Juventude Cidadã, podendo ser considerado como outro exemplo de atuação para inserção da juventude no mercado de trabalho. Essa parceria junto ao Ministério do Trabalho e da SETRE, Secretaria de Trabalho, Emprego Esporte e Renda do Estado da Bahia busca inserir jovens de 16 a 24 anos no mercado de trabalho. Durante cinco meses esses jovens terão aulas de direitos humanos, cidadania, mundo do trabalho, letramento digital e cursos profissionalizantes Contando inicialmente com uma rede de 13 organizações e um público beneficiado direto de cerca de dois mil jovens nessa primeira etapa, o projeto contará com uma atividade de apoio às comunidades desenvolvida pelos jovens e denominada de serviço civil voluntário.

O desenvolvimento de habilidades de lideranças com objetivo de inserção em posto estratégicos como empresas públicas e privadas, órgão públicos e organizações não-governamentais é um dos objetivos do Projeto Mentes e Portas Abertas – POMPA. O projeto que tem como base o CCN (Cidadania e Consciência Negra) disciplina que contempla discussões mais específicas como conjuntura nacional, *advocacy*, dicas de como falar em

público e outras. Utiliza uma metodologia diferenciada, ao possibilitar algumas visitas, como: redação de jornais, empresas públicas, Congresso Nacional (Brasília) e empresas multinacionais.

Outra diferença do POMPA é a orientação para produção de uma proposta de política pública e uma espécie de mentoria com professor universitário ou militante do movimento negro, possibilitando uma orientação no projeto acadêmico dos estudantes e ampliando as relações com um profissional da área. Após duas turmas, composta de 21 estudantes universitários cada, o POMPA contribuiu para a conscientização acerca das questões raciais desses jovens e para inserção dos mesmos em empresas e órgão públicos. No final do projeto ocorrem os estágios, na área de atuação de cada estudante. Alguns conseguem permanecer nas empresas e órgão onde fazem estágios.

Na mitologia africana, Ogum é o orixá da ciência, tecnologia e do ferro e junto ao prefixo "tec" de tecnologia forma (OGUNTEC), nome de um dos projetos de outra linha de atuação do ISB. O projeto Oguntec teve início em 2002 e em novembro de 2007 iniciou a seleção de sua terceira turma composta de 35 jovens de ambos os sexos e que cursavam o último ano do ensino fundamental. Esse grupo, que tem incentivo para o ingresso nos cursos de Ciência e Tecnologia (C&T), é composto por jovens matriculados em escolas públicas de diversos bairros e freqüentam aulas de matemática, física, química, biologia, inglês, português, C&T e CCN. O curso tem duração de 03 anos culminando com o vestibular em 2010.

Alguns pontos podem ser destacados no Oguntec, como as reuniões mensais com pais e responsáveis dos estudantes, a necessidade de aumentar a carga horária devido á defasagem escolar e a busca de mentorias que auxiliassem os estudantes nas disciplinas básicas. Outro item é a avaliação processual através de simulados e questionários aplicados com os estudantes. Entre os avanços pode-se destacar o alto índice (100%) de aprovação nos cursos ligados às áreas de C & T em duas faculdade particulares.

Com o objetivo de estimular a atuação da juventude negra de forma protagônica na luta anti-racista e promover maior visibilidade nas discussões de direitos humanos, foi criado em 2001 o programa de Direitos Humanos e Anti-racismo do Instituto Steve Biko. O Programa busca "empoderar" jovens negros e tem como base diagnósticos e estatísticas já conhecidos, nas quais os jovens têm poucas expectativas de lazer e escassas oportunidades de trabalho e

também são as principais vítimas de racismo e violência. Esta outra linha de atuação do ISB, possibilita a jovens negros que vivem diretamente “casos” de violação de direitos estarem engajados na luta anti-racista.

O programa Direitos Humanos e Anti-racismo do ISB teve início em 2001 com apoio do Ministério da Justiça. Nos anos de 2003 e 2004 esse programa teve apoio da Secretaria Especial de Direitos Humanos do Governo Federal. Em 2005 participou de uma seleção nacional promovida pela CESE (Coordenação Ecumênica de Serviço) e foi contemplado com recursos financeiros para desenvolvimento do projeto: “A juventude negra promovendo Direitos Humanos e Anti-racismo pela cidade de Salvador”. Permitindo, pela primeira vez, a atuação direta do ISB nos bairros da cidade. As comunidades escolhidas pelos jovens promotores de diretos humanos foram: Fazenda Coutos, Cabrito de Baixo, Cabula, Beiru e Cajazeira IV. Cada uma com 06 jovens que coordenavam projetos e ministravam aulas para turmas com 25 jovens em cada uma das cinco comunidades.

Em 2005, houve o lançamento do Manual de Direitos Humanos e anti-Racismo para Jovens. Com sugestões de conteúdos para serem abordados em sala de aula, história de lideranças negra, entre outros temas. Esse Manual é resultado da história dos 05 projetos desenvolvidos com apoio da CESE e do histórico do Programa de Direitos Humanos. Em 2007 e 2008, para a promoção dos direitos humanos e anti-racismo, o ISB realizou duas parcerias: a primeira delas foi com o Fundo Brasil de Direitos Humanos que, através de seleção nacional entre vários projetos, selecionou aquele que tem entre suas ações a atualização dos jovens promotores de direitos humanos, a publicação de uma nova edição do manual que será distribuídos nas escolas públicas e a formação de uma rede de jovens atuantes no combate ao racismo e promoção dos direitos humanos.

A outra parceria é com a FEMISP (Fundação Escola Superior do Ministério Público), que tem parceria durante os anos de 2007 e 2008 para execução do Projeto Progredh. Entre suas ações, o Progredh tem aulas com a temática direcionada para jovens matriculados em escolas públicas. Essas aulas são ministradas, em sua maioria, pelos jovens oriundos dos projetos de “Direitos Humanos” do ISB nos anos de 2001 a 2006 e por jovens negros que são liderança em suas comunidades. Uma das metas é formar uma rede de Jovens Negros em prol dos Direitos Humanos e Anti-racismo e que esses jovens possam influenciar a elaboração e implementação de políticas públicas. Portanto, além de entender alguns problemas das

comunidades em que vivem, o Programa de Direitos Humanos apresenta aos jovens que é possível atuar nessa área. Passam a ter conhecimento de quais instituições devem buscas e quais mecanismos devem utilizar na busca por direitos.

O ISB realizou encontros para o desenvolvimento do planejamento estratégico institucional. A primeira etapa ocorreu nos dias 27 e 28 de maio de 2006 servindo para "alinhar" a visão, missão e os objetivos entre os principais colaboradores. A segunda etapa ocorreu nos dias 13 e 14 de janeiro de 2007, nela foram retomadas as primeiras discussões e realizada análise do contexto, agenda estratégica, plano de ação e organização interna. A missão e visão foram reformuladas e mudaram para:

> Missão: Promover a ascensão político-social da população negra por meio da educação e valorização da sua ancestralidade (ISB, 2008, p.2).
>
> Visão: Até 2012 constituir-se em uma instituição de nível superior que valoriza a diversidade étnico-racial, contemplando os saberes e fazeres da cosmovisão africana e suas diásporas na produção de conhecimento (ISB, 2008,p.2).

O método utilizado para identificar pontos fortes e pontos fracos, oportunidades e ameaças nos encontros de desenvolvimento do planejamento estratégico do ISB foi método S.W.O.T. Segundo Wright, é objetivo desse método: ".. possibilitar que a empresa se posicione para tirar vantagem de determinadas oportunidades do ambiente e evitar ou minimizar as ameaças ambientais." Através desse método, evidencia-se potencialidades que ainda não foram exploradas, pontos fracos podem ser identificados e melhorados.

De acordo com Projeto de Planejamento Institucional, enviado e aprovado para apoio pela Fundação Kellogg à partir de março de 2008:

> [...] durante o planejamento o voluntarismo foi apontado como um ponto forte e um ponto fraco do Instituto, se por um lado evidencia o comprometimento dos envolvidos com a realização da missão, do outro cria entraves a uma atuação mais eficiente uma vez que há uma forte dependência do tempo livre dos envolvidos, principalmente do quadro dirigente (ISB, 2007, p. 2).

Em relação ao ambiente externo, as oportunidades e ameaças para alcançar a visão do ISB e em relação ao que precisa ser melhorado no ambiente interno alguns encaminhamentos que constam no PDI:

> [...] foram definidos dois grandes objetivos estratégicos para alcançar a nova visão institucional ao longo de três anos: Consolidação da Tecnologia Educacional desenvolvida a partir da sistematização e a construção de novos aprendizados resultado do Programa ORI; e do Fortalecimento e Sustentabilidade Institucional, onde serão trabalhadas as seguintes linhas: 1 - construção de um projeto político-pedagógico da instituição de ensino superior; 2- elaboração do Plano de captação de recursos, comunicação e marketing; 3-promoção de diálogos institucionais (ISB, 2007, p. 3-4).

Esses três pontos indicados no PDI buscam amenizar, principalmente, as dificuldades financeiras e de falta de recurso enfrentadas pelo ISB ao longo de quase 16 anos. A captação de recurso torna-se importante devido à renda pessoal e familiar do público alvo do ISB, uma vez que esse público enfrenta dificuldades para acesso e permanência no mercado de trabalho. Nos últimos anos, a inadimplência em relação às contribuições dos estudantes do pré-vestibular, as dificuldades em captar recursos e o fato de depender de um único financiador para o pré-vestibular têm comprometido as atividades do ISB.

Outro motivo são os atrasos referentes aos repasses de recursos entre Órgãos do Poder Público e o ISB. Dois exemplos podem ser mensurados, um deles é o PIC (Programa Inovadores de Curso) criado pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) e o segundo exemplo é o Projeto Quilombos Educacionais, que contava com apoio da SEMUR (Secretaria Municipal da Reparação) e da SMEC (Secretaria Municipal da Educação e Cultura), ambas da Cidade do Salvador. Esses dois projetos foram criados com objetivo de apoiar as ações dos pré-vestibulares para negros. Apesar da assinatura de contratos e convênios os recursos para repasse de ajuda de custo dos professores e equipe de coordenação, compra de material didático e outros não foram repassados em sua totalidade.

As desigualdades sócio-raciais no Brasil apresentam-se, entre outras esferas, na educação, saúde, e na distribuição de renda. Mesmo não vivendo num sistema separatista como o *apartheid* sul-africano, a população é impedida de freqüentar alguns ambientes, não por decreto-lei, mas pela coerção policial, ou de seguranças particulares, pela baixa auto-estima, pelo sentimento de não-pertencimento ao convívio social, pela má distribuição de renda e por outros mecanismos de coerção. O Instituto Steve Biko surge e mantêm-se com o objetivo de possibilitar a redução dessas desigualdades, visto que conta com a contribuição de ex-alunos, simpatizantes, militantes e organizações do movimento negro baiano e brasileiro.

3.2 A PERSPECTIVA HISTÓRICA E SÓCIO-CULTURAL DE ABORDAGEM DA DISCIPLINA "CIDADANIA E CONSCIÊNCIA NEGRA" NO CURSO PRÉ-VESTIBULAR DO INSTITUTO STEVE BIKO

A disciplina Cidadania e Consciência Negra, também conhecida por sua sigla CCN é utilizada como elemento basilar no ISB, surgiu no curso preparatório para o vestibular e logo após o crescimento do Instituto passa a ser ministrada em outros projetos. Essa formação política é oferecida ao público alvo com o objetivo de reconstrução de auto-estima, promoção de integração entre o grupo, conscientização e resgate da cultura afro-brasileira, da diáspora e da ancestralidade africanas e despertar a consciência racial e cidadã.

De acordo com um dos textos de apresentação do CCN percebe-se que:

> O processo de aculturação, negação e invisibilidade utilizado pela sociedade para apartar do poder um seguimento da população brasileira – os negros – que representa sua maioria, concebeu uma forma de racismo devastadora, pois a medida que não produziu um racismo legal e institucionalizado, mas sim formas implícitas de exclusão racial, social, política e econômica, sempre salvaguardadas pela falácia da democracia racial, implantou no inconsciente coletivo dos negros um sentimento de inferioridade por não obterem os mesmos êxitos e reconhecimentos que os não-negros num regime aparentemente não racista (DANTAS, 2001, p. 1)

O grupo é "convidado" a conhecer uma outra história, além de fomentar a identificação e reconhecimento das lideranças negras, as diversas formas de combate e denúncia do racismo. O conteúdo do CCN é divido em módulos, que além de outros temas contém: Integração, Orientação e Motivação; Conscientização e Resgate da Cultura Afro-Brasileira e Cidadania e Direitos Humanos. O CCN contribui para a formação política de negros e negras e é de fundamental importância para a formação cidadã e de combate ao racismo proposta pelo ISB aos seus educandos. De acordo com Nascimento (2007, p.35):

> A partir de 1994, os fundadores resolveram melhor sistematizar as discussões realizadas nas diversas disciplinas sobre consciência étnica e cidadã. A disciplina Cidadania e Consciência Negra (CCN) foi criada pelos fundadores do Instituto Steve Biko, exatamente, com a função de ser um dos instrumentos para alcançar esses objetivos. Posteriormente, esta disciplina se torna o "coração" do instituto, o eixo centralizador do curso, e se torna o

> grande referencial e diferencial da Biko em relação aos outros cursos pré-vestibulares.

Um outro ponto abordado pela disciplina CCN é a história do continente africano e da diáspora negra para as Américas, em especial para o Brasil. Essa percepção de que os africanos contribuíram para a construção do país e desmistificação de mitos acerca dos povos africanos tem contribuído para a tomada de consciência negra e para a elevação da auto-estima. Tomando como exemplo as religiões de matriz africana cujo culto foi proibido aqui no Brasil durante muito tempo, o CCN traz como tema e busca desmistificar os valores negativos atrelados como: *"culto ao mal"* e como *"coisa demoníaca"*. Ainda sobre a Consciência negra, BIKO a define como uma:

> [...] manifestação de uma nova percepção de que, ao procurar fugir de si mesmos e imitar o branco, os negros estão insultando a inteligência de quem os criou negros. Portanto, a Consciência Negra toma conhecimento de que o plano de Deus deliberadamente criou o negro, negro. Procura infundir na comunidade negra um novo orgulho de si mesma, de seus esforços, seus sistemas de valores, sua cultura, religião e maneira de ver a vida (DANTAS, 2001, p. 4).

Mesmo que considerada inconclusa ou tardia, a busca por cidadania sempre fez parte das reinvidicações dos negros no país. O CCN traz uma idéia de conscientização étnica considerada importante para elevação da auto-estima, formação política e cidadã dos descendentes de negros no país. Visto que enfrentam problemas que são obstáculos para a construção de uma sociedade justa, que garanta direitos essenciais e que possibilite oportunidades e assuma reparações historicamente constituídas, essa "nova" pedagogia, além de fornecer subsídios para o vestibular, permite uma reflexão, por parte do público beneficiado, da necessidade do ingresso nas universidades e de busca de uma sociedade, autônoma, não excludente e não discriminatória.

4 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos deste trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo com os egressos do Instituto Steve Biko. Estimava-se, no início da aplicação dos questionários, haver cerca de 30 egressos do Pré-vestibular Steve Biko entre 2004 e 2007 e estes ingressaram na UFBA nos vestibulares 2005 a 2008. Contudo, durante a pesquisa e realização de entrevistas foi confirmado que neste período, o Instituto havia contribuído para o ingresso de 40 estudantes em cursos de graduação e licenciatura pela UFBA.

O tamanho da amostra correspondeu a 72,5% do universo de estudantes aprovados no período. Devido a problemas de logísticas e de custos diversos, associados à operação efetiva de campo não foi possível entrevistar todos os egressos do curso preparatório para o vestibular. Não houve nenhuma preferência por parte do autor, em relação à escolha dos entrevistados, porém algumas características influenciaram para definição. Como por exemplo, obter uma amostra mínima de 30% por ano, questões de gênero, faixa etária e representatividade em todas as áreas do conhecimento.

O questionário e o banco de dados foram elaborados nos meses de março e abril de 2008, no mesmo período em que foram realizadas análise e coleta de dados, com objetivo de identificar listas de estudantes oriundos do Instituto e que tiveram seus dados divulgados entre as listas de aprovado nos vestibulares da UFBA entre 2005-2008, porém, sem êxito esperado, uma vez que as informações eram insuficientes e desatualizadas. As entrevistas tiveram início em 28 de abril e término em 14 de maio de 2008 e correspondem a 50% dos egressos aprovados em 2005, 33% entre os aprovados em 2006, 93% entre os aprovados em 2007 e para 2008 foi de 78% dos aprovados na UFBA.

Não foi possível fazer um cruzamento entre as informações do SSOA (Serviço de Seleção Orientação e Avaliação da UFBA) e listas dos Instituto Steve Biko. Ambos não atenderam as solicitações no que se refere a disponibilizar nomes e informações de estudantes. O SSOA não respondeu aos telefonemas e à solicitação entregue em abril de 2008 e o Instituto não tem relação de estudantes no período, embora tenha disponibilizado algumas listas de presenças às aulas do pré-vestibular.

Por não haver uma sistematização sobre os dados dos egressos no ISB, com endereço, telefone e dos cursos nos quais foram aprovados, a localização desses egressos nos vestibulares 2005 a 2008 foi obtida de forma gradual, porque muitos haviam mudado de endereço. No final de cada entrevista foi-lhes questionado se tinham contato com os outros colegas que faziam o mesmo curso ou que freqüentaram o ISB no mesmo período. Outro motivo que dificultou a localização prende-se à diversidade dos cursos nos quais foram aprovados, pelo fato de a UFBA ser um multi-campus e a possibilidade de localizar os estudantes em sala de aula e nos colegiados elevaria os custos para realização da entrevista, além de torná-la inviável em função do cronograma estabelecido para conclusão do trabalho de campo.

Desde 2001, o autor deste trabalho vem atuando como integrante das áreas sociais, pedagógicas e políticas do ISB, como: aluno do pré-vestibular, jovem coordenador do curso de direitos humanos e anti-racismo, ex-membro da associação de estudantes egressos (AEESB), estagiário e palestrante. Atualmente, atua com assistente financeiro e Conselheiro do CMCN (Conselho Municipal da Comunidade Negra) na Secretaria Municipal da Reparação (SEMUR) da cidade do Salvador e no Comitê Gestor do Selo da Diversidade Étnico-Racial da Cidade do Salvador, criado pela mesma Secretaria.

Nesse período atuou em diversas atividades no Instituto e como militante do movimento negro sendo possível acompanhar, direta ou indiretamente, a participação dos 40 aprovados na UFBA no ingresso, permanência e após curso preparatório no Instituto. Além de ter encontrado a maioria deles em ações do movimento negro realizadas na capital baiana, essa proximidade e, em alguns casos, afinidade contribuiu para a localização e realização das entrevistas.

O questionário compôs-se de três partes: a primeira, identificou informações pessoais, sobre a vida escolar das pessoas e referiu-se a 34 questões similares ao questionário utilizado no SSOA durante processo de inscrição para vestibular da UFBA; a segunda parte, de 30 perguntas, complementares à primeira, baseou-se nas informações pessoais, tais como idade, sexo e entre outras. Também buscou-se dados específicos sobre a permanência dos egressos no Instituto e na UFBA; a terceira e última parte, referiu-se à entrevista e aos entrevistados relatando questões ligadas ao racismo e ações afirmativas, nas expectativas em relação ao mercado de trabalho e fizeram uma breve avaliação sobre o projeto pré-vestibular do Instituto

Steve Biko e sobre a disciplina CCN (Cidadania e Consciência Negra). Essa terceira parte, composta de 13 perguntas, foi gravada e importantes informações obtidas farão parte do arquivo do Instituto Steve Biko.

Entre os 11 egressos aprovados e não entrevistados, dois dos estudantes do curso de Comunicação com Produção Cultural que ingressaram na UFBA em 2007 trancaram o curso. Um deles, após cursar um semestre, resolveu trocar o curso e voltar a fazer o pré-vestibular. Em conversa telefônica, ele informou que pretende prestar vestibular outra vez no curso de música na UFBA, sua entrevista não foi concedida, pois no período havia abandonado as aulas do pré-vestibular e alegou ter começado a trabalhar à noite.

Uma outra egressa teve seu número de telefone informado por um outro entrevistado nos últimos dias, impedindo assim a realização da entrevista. Por vários motivos não houve a informação se estudante pretende dar continuidade ao curso na UFBA. Por outro lado, o estudante aprovado no curso de Engenharia Civil para início em agosto de 2008, apesar de ter freqüentado as aulas do curso pré-vestibular do ISB em 2007, encontrava-se com dados pessoais desatualizados na lista obtida junto à secretaria do "cursinho". A entrevista deste estudante também não foi realizada, pelos mesmos motivos relativos ao contato em tempo viável.

Finalmente, uma última estudante do curso de secretariado, só teve a disponibilidade para entrevista no final do mês de maio, período em que as transcrições e tabulações se encontravam em fase de conclusão. Não foi possível incluir as informações da estudante por causa do tempo, entretanto, a informação foi de extrema importância a pesquisa. Soube-se também, que um estudante cursaria arquivologia, porém não foi possível contactá-lo. Apesar desses constrangimentos operacionais e metodológicos, considerou-se um universo total para a pesquisa de 40 indivíduos.

Para o tratamento e análise dos dados coletados, recorreu-se aos programas SPSS 15.0 e Excel como instrumentos computacionais.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS EGRESSOS DO INSTITUTO STEVE BIKO APROVADOS NO VESTIBULAR DA UFBA - 2005 A 2008

Com a fundação do Instituto Steve Biko em 1992, o Estado da Bahia foi pioneiro no que se refere à luta pelo fim das desigualdades sócio-raciais e ações afirmativas na educação. Quase 16 anos após o início das atividades, o primeiro pré-vestibular para negro do país, tornou-se uma entidade do movimento negro, atuando no combate ao racismo e na promoção dos direitos humanos. O resultado das ações do Instituto tem reconhecimento no âmbito nacional e internacional. De acordo com o primeiro artigo do estatuto aprovado em 1994, o Instituto Cultural e Beneficente Steve Biko: "... é uma sociedade civil, pessoa jurídica de direito privado, de natureza filantrópica, sem fins lucrativos, fundado em 31 de julho de 1992, com prazo para duração indeterminado" (ISB, 2004, p.1).

De acordo com *slides* de apresentação utilizados em palestras, o público do ISB é majoritariamente formado por negros, com idades entre 16 e 45 anos, maioria do sexo feminino, oriundos de escolas públicas, de baixa renda e residentes em bairros periféricos. Não foi encontrado nenhuma pesquisa ou dados de qual público foi beneficiado pelo Pré-vestibular Steve Biko e nem sobre o total de aprovados nos vestibulares em universidades públicas ou privadas. No site do Instituto encontra-se uma estimativa que mais de 800 jovens e adultos já ingressaram em universidades públicas e de acordo com Nascimento (2006) mais de 2000 pessoas participaram do pré-vestibular do ISB.

A tabela 1, mostra características da população de estudo feita a partir das informações de 72% dos aprovados nos vestibulares da UFBA 2005-2008.

Tabela 1 - Característica da população de estudo

Variáveis	n	%
Sexo		
Masculino	13	44,8
Feminino	16	55,2
Idade		
>30 anos	19	65,5
< = 30 anos	10	34,5
Estado civil		
Solteiro	24	82,8
Casado	2	6,9
Outros	3	10,3
Cor		
Parda	4	14,3
Preta	24	85,7
Branca	0	0,0
Natureza da escola onde concluiu o ensino médio		
Escola Pública	25	86,2
Escola Particular	4	13,8
Tipo de curso de ensino médio		
Colegial	20	69,0
Técnico	3	10,3
Magistério	3	10,3
Outros	3	10,3
Principal responsável pelo sustento da família		
Pai	6	20,7
Mãe	10	34,5
Conjugue	2	6,9
Parente	1	3,4
O Próprio	10	34,5
Renda Familiar		
Maior que 1 salário até 3 salários mínimos.	14	51,9
Maior que 3 salários até 5 salários mínimos.	13	48,1
Nível de instrução do Pai		
Não sabe ler/primário completo e incompleto	13	44,8
Ginásio incompleto e completo	8	27,5
Médio incompleto e completo	8	27,5
Nível de instrução da Mãe		
Não sabe ler/primário completo e incompleto	14	48,3
Ginásio incompleto e completo	5	17,2
Médio incompleto e completo	10	34,5

Fonte: Elaboração própria, a partir de aplicação de questionário.

Com percentual aproximado de 45% para sexo masculino e 55% para o feminino, os egressos entrevistados têm, em sua maioria, idade inferior a 30 anos, estado civil solteiro, 75,9% concluíu o ensino fundamental e médio em escolas públicas .

A auto-declaração indica serem todos negros. As opções branco, parda, preta, amarela e indígena eram as cinco alternativas para responder à pergunta sobre a cor e raça, de acordo

com essa auto-declaração, também utilizada pelo IBGE, 82,8% declararam a opção preta, 13,8% parda. Portanto, a soma dos percentuais de pretos e pardos é denominada como *negro*.

Em relação à renda familiar, 51,4% tem renda entre 1 a 3 salários mínimos e 48,1% são oriundos de famílias que recebem mais de 3 e menos de 5 salários mínimos. Um outro dado importante e apresentado na Tabela 1 é o nível de instrução dos pais. A maioria dos entrevistados tem pai e mãe com escolaridade até o ensino primário, respectivamente, 44,8% e 48,3%. O percentual de mães com nível médio completo/ incompleto é superior ao dos pais, 34,5% e 27,5% respectivamente. É importante salientar que nenhum dos 29 aprovados na UFBA tem pai ou mãe com curso superior completo ou incompleto.

No que diz respeito à renda e a desigualdade, percebe-se que a população negra (44,7% da população do país segundo IBGE, (CENSO 2000) tem participação de 70% entre os 10% mais pobres, e que seus rendimentos somados, correspondem a 26% do total apropriado pelas famílias negras. O mais agravante é que mesmo após a redução da pobreza e da indigência os negros representavam, ao longo das décadas de 1980 e 1990 como o perfil predominante. Em 1982, 64,4% dos pobres e 58,4% dos indigentes eram negros. Em 2003 a percentagem de negros abaixo da linha de pobreza no Brasil era de cerca de 68%.

Entre os entrevistados foi possível perceber que em relação ao turno cursado no ensino fundamental, 69% declararam ter estudando sempre no turno matutino, 20,7 % estudou maior parte no período diurno e sempre noturno e maior parte noturno, respectivamente, foi a opção de 3,4 e 6,9%. Foi possível perceber que a maioria dos egressos do ISB concluiu o ensino fundamental em escola pública (1º grau), com percentual de 79,3% em detrimento de 20,7% dos que informaram escola particular. Em relação ao ensino médio (2º grau) houve um aumento no percentual de entrevistados que concluíram em escolas públicas, passando para 86,2 % e redução dos que concluíram em escolas particulares, com 13,8 %. Tal índice é importante para identificar entre os egressos do ISB quais preenchem os critérios para concorrer às reservas de vagas no vestibular.

No que diz respeito ao trabalho durante a formação escolar (ensinos fundamental e médio) 44,8% declararam não ter exercido atividades remuneradas, 34,5% exerceram-na apenas durante o ensino médio, 3,4% apenas durante o ensino fundamental e 17,2% trabalharam durante a educação básica (1º e 2º grau). Do total de entrevistados, 55% respondeu ter

concluído o ensino médio a mais de três anos, isso tendo como base o ano de 2008, seguido de 24,1% há dois anos e 20,7 a três anos. A maioria dos egressos do ISB, no período em que cursava o ensino médio, conclui o curso “colegial”, seguido de técnico e magistério, com 10,3 % cada e suplência com 3,4 % e outros 6,9%. Quando Perguntados se trabalharam, quando criança ou adolescente, para ajudar na renda familiar 51,7% declarou que não trabalhava e 48,3% respondeu que na adolescência ou na infância trabalhava para ajudar em casa.

De acordo com dados elaborados a partir da PNAD 2004, O IBGE mostra que os negros são apenas 16% da elite e 66% dos pobres no Brasil e que a diferença entre salário de negros e brancos é de cerca de 90%. Um branco ganha em média 3,8 salários mínimos de um negro e aproximadamente dois salários mínimos (valores de 2004). A relação entre a baixa escolaridade dos negros e a remuneração no mercado de trabalho não pode ser explicada unicamente pela baixa escolaridade dos negros. Quando feita uma comparação entre a média de auferida por negros e brancos com a escolaridade semelhante, de acordo com o site do PNUD Brasil percebemos que:

> Um negro que concluiu o ensino médio e pelo menos iniciou um curso superior recebe, em média, R$ 5,5 por hora, mas um branco com o mesmo perfil embolsa R$ 9,1 por hora de trabalho. A diferença mais gritante está na região metropolitana de Salvador, onde um universitário negro recebe r$ 5,3 por hora, R$ 8 a menos que um branco com a mesma escolaridade (R$ 13,3) (PNUD, 2005).

Sobre a participação econômica da família, 27,6% dos entrevistados não trabalha e seus sustentos são financiados pela família e/ou outras pessoas, 24,1% foi o percentual de duas categorias, uma delas compreende aqueles que trabalham, mas recebem ajuda financeira da família e/ou de outras pessoas. A outra categoria que também teve o mesmo percentual é a que agrupa os que trabalham e são responsáveis pelo seu próprio sustento e contribuem parcialmente para o sustento da família e de outras pessoas. Trabalha, é responsável pelo seu próprio sustento e contribui parcialmente para o sustento da família e/ou de outras pessoas foi a opção de 10,3% e entre os que trabalham e é o principal responsável pelo sustento da família o percentual foi de 13,8%. Como principal responsável pelo sustento da família, duas opções obtiveram 34,5 % cada, a maioria dos entrevistados declararam ser *a mãe* e *eles próprios* os principais responsáveis, seguidos do pai, com 20,7%, d*o* conjugue com 6,9%, e um parente com 3,4%.

5.2 A CONTRIBUIÇÃO DO INSTITUTO CULTURAL STEVE BIKO NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA NEGRA E ELEVAÇÃO DA AUTO-ESTIMA DOS JOVENS NEGROS PARA INGRESSO NA UFBA

A UFBA oferece cerca de 4000 vagas em seus nos vestibulares realizados nos dois últimos meses de cada ano. Para o vestibular 2008, a UFBA ofereceu 69 cursos de graduação, destes, 58 foram oferecidos na capital baiana, 03 na cidade de Vitória da Conquista que fica na região Sul do Estado e 06 em Barreiras no Extremo Oeste, respectivamente, 520 e 853 quilômetros de Salvador.

Tabela 2: Cursos mais concorridos UFBA.

	ANO			
CURSO	2005	2006	2007	2008
Medicina	1	1	1	1
Direito	3	4	2	2
Psicologia - Formação de Psicólogo	4	3	4	3
Enfermagem	6	2	3	4
Comunicação - Jornalismo	7	5	5	5
Oceanografia	2	9	6	8
Ciência da Computação	10	6	7	12
Nutrição	13	7	9	7
História (Lic.e Bach)	9	8	8	14
Educação Física (Lic)	5	10	10	16
Design	14	12	12	6
Comunicação - Produção em Comunicação e Cultura	8	11	11	17
Engenharia Mecânica	21	17	15	10
Engenharia Química	28	20	18	9

FONTE: Extraído de UFBA (2008b).

O curso de Medicina, oferecido exclusivamente em Salvador, entre os vestibulares 2004 e 2008 teve a maior média em relação candidato/vaga composto por 28,36 candidatos, seguido dos cursos de Direito e Enfermagem, respectivamente com 19 e 18,68. Os segundos e terceiros cursos mais concorridos, nos últimos quatro vestibulares, foram: Direito e Oceanografia em 2005, Enfermagem e Psicologia em 2006, Direito e Enfermagem em 2007 e Direito e Psicologia em 2008.

Ao contribuir para elevação da auto estima, o ISB está contribuindo, mesmo que indiretamente, com a escolha do curso no momento da inscrição do vestibular. Esse momento crucial, que determinará a vida acadêmica e profissional, será melhor aproveitado por aqueles que tiverem auto-confiança na decisão a ser tomada. Escolher o curso universitário e, consequentemente a profissão, torna-se ainda mais difícil se analisado o perfil dos egressos do ISB, conforme apresentado, no qual dos 29 que ingressaram na UFBA nenhum tem o pai ou mãe com nível superior completo ou incompleto.

Em relação aos motivos que influenciaram na escolha do curso em que foi aprovado na UFBA, a maioria dos ex-alunos disseram que o Instituto não contribuiu de forma relevante. Para 58,6% não houve nenhuma influência e para 34,5 % o Instituto influenciou diretamente nessa escolha. O aumento de conhecimento e cultura foi a opção da maioria quando perguntados sobre a expectativa em relação ao nível superior, seguido de melhoria da situação profissional e econômica, formação profissional para o futuro emprego e prestígio social.

Para o entrevistado 1 (ISB 2008b), a pretensão inicial era fazer medicina, mas ao ingressar no optou pelo o curso de biologia, pois demoraria muito para concluir o curso de Medicina. Já para o entrevistado 1 (ISB 2008b) cursar pedagogia é realizar um projeto de vida.

No questionário aplicado, foi perguntado de que forma os entrevistados tomaram conhecimento do Instituto, cerca de 80% foi através de parentes e amigos. Seguido de: mídia (tv, rádios e jornais) com 13,8% e internet, na escola, outros com 3,4% cada. O alto percentual de pessoas indicadas por parentes e amigos pode contribuir para comprovação da credibilidade do pré-vestibular junto aos seus ex-alunos, professores, colaboradores e público em geral.

Dos entrevistados, 58,6% tinha profissão definida no período em que cursava o pré-vestibular. Cerca de 48,% não trabalhavam na época que cursava o pré-vestibular do ISB. As mensalidades eram custeadas, por 41,4 % com o próprio salário. Parentes e amigos colaboravam para pagamentos das mensalidades de 37,9% dos egressos.

Tabela 3: Relação de aprovados do ISB nos vestibulares da UFBA e concorrências - 2005-2008

Ano	Curso	Concorrência
2005		
	Engenharia Química	6,9
	Comunicação c/ Produção Cultural	12,2
2006		
	Comunicação c/ Produção Cultural	13,1
	Psicologia	21,4
	Engenharia Mecânica	10,6
	Ciências Biológicas	12,4
	Comunicação c/ Produção Cultural	13,1
	Pedagogia	5,8
	Administração	10,5
	Arquivologia	5,0
	Arquivologia	5,0
2007		
	Letras Vernáculas L.Estrangeira	4,6
	Geografia	3,6
	Geografia	3,6
	Educação Física	12,0
	Arquivologia	3,7
	Pedagogia	5,8
	Filosofia	4,9
	Pedagogia	5,8
	Ciências Sociais	6,5
	Educação Física	12,0
	Comunicação	11,9
	Língua estrangeira	3,1
	Museologia	5,9
	Ciências Biológicas	10,5
	Biblioteconomia e Documentação	6,3
2008		
	Museologia	3,1
	Comunicação Social	8,2
	Nutrição	11,2
	Geografia	4,6
	Ciências Econômicas	4,5
	Pedagogia	4,4
	História	9,1
	Engenharia Elétrica	8,2
	Matemática	4,3
	Estatística	3,7
	Engenharia Civil	6,6
	Engenharia Mecânica	12,0
	Educação Física	8,0
	Secretariado Executivo	4,0

Fonte: (ISB 2008b) .

Entre os cursos da UFBA que tiveram maior número de aprovados oriundos do ISB estão os cursos de Comunicação com Produção Cultural, Pedagogia e Arquivologia , respectivamente, cinco, quatro e três egressos do ISB aprovado nos vestibulares da UFBA.

A taxa de inscrição nos vestibulares é um dos motivos que impede que o público oriundo de escola pública, negros e pessoas de baixa renda possam prestar vestibular. Dos entrevistados, 72,4% não obteve isenção para inscrição da UFBA, que isenta apenas 5% dos inscritos do ano anterior ao do vestibular, o percentual de isentos do Instituto (27,6%) não pode ser considerados grande porque acumula um total de isentos do período que compreende os vestibulares 2005 a 2008. Portanto, foram isentos da taxa do vestibular 08 egressos, média de 02 isentos por anos. Houve, nos últimos 05 anos, uma variação de R$ 75,00 para R$ 90,00.

Em 2001, o ISB teve participação decisiva na luta e conquista da isenção dessa taxa para estudantes oriundos de escolas públicas. Através de alunos, ex-alunos, professores, coordenadores e diretores foi realizada no dia 10/08/2001 uma passeata reinvidicando a isenção, que contou com apoio de outras entidades do movimento negro e social, tendo como ponto de partida a Praça Municipal e como destino a Reitoria da UFBA no canela, onde representantes conversaram com Reitor e Pró-Reitor. Como não obtiveram êxito nas negociações com a universidade, uma medida judicial obrigou que 5% das vagas do ano anterior fossem oferecidas ao estudantes de escolas públicas, além de prorrogar as a semana.

A falsa idéia de democracia racial bastante difundida no Brasil nas décadas de 20 e 30 e que sempre vem à tona seja por meio da idéia de miscigenação ou através da justificativa que “as raças” viveram e vivem harmonicamente no país sempre fez parte dos discursos das “elites”. Determinar que só exista racismo na medida em que há ódio racial, ou que no Brasil o racismo não ocorreu da mesma forma como na África do Sul ou como nos Estados Unidos é uma dos argumentos utilizados.

As pessoas entrevistadas foram unânimes em afirmar a existência do racismo no Brasil. A maioria já sofreu casos de racismo, ocorridas em *shopping center* ou lojas, violência

policial e outras. O entrevistado 3 (ISB 2008b) diz que reconhece a existência, porém nunca foi vítima "direta". O entrevistado 15 (ISB 2008b), afirmou já ter sofrido casos de racismo e para exemplificar disse que muitas vezes ao passa apressado por uma pessoa, isso principalmente no centro da cidade, ela se assusta vendo que é negro e chega até a segurar a bolsa. Já para o entrevistado 4 (ISB 2008b) quando entra nas lojas os funcionários "ficam seguindo com os olhos" ou acham que ela não vai fazer compra só vai olhar as mercadorias. O entrevistado 5 (ISB 2008b) traz uma declaração que representa a resposta da maioria: "Eu acho que nós não sofremos casos de racismo, nós temos estruturas de racismo que são contínua, profundas e algumas se tornam mais visíveis e outras não. Então prefiro não particularizar".

É possível perceber, na maioria das opiniões sobre o ISB, que os entrevistados têm boas "lembranças" e afirmam que ter feito parte das aulas do pré-vestibular foi uma experiência considerada positiva pela grande maioria. Ser o primeiro membro da família a entrar numa universidade é comum entre os egressos do Instituto. Para o entrevistado 6 (ISB 2008b), o ISB é um curso pré-vestibular que possibilita conhecimento para ingressar na UFBA, UNEB, ou em qualquer outra instituição de nível superior pública e/ou particular. Acredita que ocorre uma preparação e conscientização acerca da negritude. Essa nova percepção permite entender questões raciais, sociais. O Entrevistado 7 (ISB 2008b) diz ter um carinho especial pelo Instituto, por trabalhar muito ao natural, principalmente a auto-estima. Para este, a "Biko" torna sonhos possíveis. Na mesma linha de pensamento, o entrevistado 2 (ISB 2008b) relata que o ISB é mais que um pré-vestibular.

Para o entrevistado 8 (ISB 2008b), quando a "Biko" consegue colocar um jovem na universidade, não está só mudando a vida desse jovem, e sim trazendo o efeito "bola de neve" porque está incidindo sobre os amigos e familiares, que se acham capazes por ver o acontecer. O Entrevistado 16 (ISB 2008b) completa: "eu não posso dizer que é um pré-vestibular, eu coloco como um programa de conscientização do meu papel na sociedade. Tem uma diferença significativa entre o que eu era antes e como mudei depois da Biko".

Para Geraldo Belmont, ex-diretor do ISB:

> Nesse curso, além de se oferecer todas as disciplinas exigidas nos exames de vestibulares, o aluno recebe um curso de formação política ministrado na

> disciplina CCN (Cidadania e Consciência Negra) a qual traz um diferencial na preparação do estudante, pois eleva sua auto-estima através do conhecimento da sua ancestralidade e a ampliação do seu conceito de cidadania (ESTAÇÃO DA JUVENTUDE, 2008).

O entrevistado 7 (ISB 2008b) concorda com a declaração do ex-diretor ao afirmar que:

> **A "Biko" tem todas as diferenças, principalmente na parte de consciência negra. É o ponto mais importante, pra mim é importante que tenha esse enfoque no CCN. Para que possamos enxergar e analisar a realidade, que às vezes a gente não notava. Coisas que passei a ver quando ingressei aqui no pré-vestibular**

Para o entrevistado 6 (ISB 2008b) a Biko tem diferença em relação ao outros cursos preparatórios para o vestibular, nas aulas de CCN passa-se "noção", da sua cor, da sua raça, quanto à discriminação social e discriminação sexual. O entrevistado 4 (ISB 2008b) afirma ter participado de outros "cursinhos" e em nenhum deles ter ouvido falar que era capaz de ingressar numa universidade pública. O entrevistado 10 (ISB 2008b) também faz um depoimento concordando com os anteriores ao considerar que o CCN favorece para a formação de identidade política. Além de levantar questões em relação ao negro no Brasil.

O pré-vestibular do ISB, está na sua décima sétima edição e contribuiu na preparação dos entrevistados para os vestibulares. Em alguns casos, os estudantes tinham mais de 20 anos de conclusão do segundo grau (ensino médio). Conforme relata o entrevistado 9 (ISB 2008b) :

> **Para mim foi "tudo" porque não estudava a mais de 30 anos. Lá me senti em casa, não fui discriminada e recebi bastante incentivo. Em momento algum me disseram que era impossível, pelo contrário, me disseram que era possível e eu fiz minha parte.**

O entrevistado 6 acrescenta: " Eu tinha mais de 15 anos que não estudava. Não pegava em um livro didático, eu dava aulas de história, ciências há alguns anos atrás, porém outras matérias que caem no vestibular, só obtive noções preparatórias na "Biko". (ISB 2008b)

Outro caso de egresso do pré-vestibular que relata a contribuição para preparação do pré-vestibular pode ser percebido na declaração do entrevistado 3:

> **Pra mim foi muito bom porque tinha 24 anos que não estudava, quando conclui o "antigo" segundo grau. Foi através do Instituto Steve Biko que pude "de novo" acender minhas vontades e desejos de voltar a estudar, de fazer universidade. Fui agraciado e fico lisonjeado por ter passado em todos os vestibulares que fiz. (ISB 2008b)**

Dentro do Programa Diversidade na Universidade, o Programa Inovadores de Curso – PIC (BRAGA, 2007) implementado pelo Ministério da Educação teve início com o projeto piloto em 2002 e o pré-vestibular do ISB foi um dos quatro projetos selecionados. Após 04 edições, o PIC apoiou 95 projetos de 89 Instituições de todo país e beneficiou cerca de 13 mil estudantes. Estima-se que desses, cerca de 15% ou 2000 estudantes tenham ingressado em universidades. Além de contribuir para remuneração de professores, o projeto repassava uma bolsa de manutenção que variava de R$ 40,00 a R$ 60,00 para estudantes que tinham renda per capita de até um salário mínimo.

Referindo-se à renda pessoal no período do curso preparatório para o vestibular, a maioria (37,9%), declarou renda inferior a R$ 415,00. Dos egressos entrevistados, 27,6% tinham renda superior a R$ 415,00 e inferior a 830,00 e 13,8% recebiam mais de R$ 830,00. Não informaram a renda pessoal 20,7% dos entrevistados.

Quando questionados se enfrentaram alguma dificuldade no período do cursinho pré-vestibular do Instituto Steve Biko, a grande maioria declarou falta de condição financeira para permanecer nas aulas diárias do pré-vestibular. Mesmo entre alguns dos que trabalhavam, os gastos com transporte, alimentação e contribuição com mensalidades onerava seus orçamentos pessoal e familiar.

O entrevistado 3 relata que:

> **Eu estava desempregado, não tinha dinheiro para pagar as mensalidades do curso. A ajuda oferecida pelo MEC (Bolsa do MEC) não cobria nem o valor total da mensalidade. Eu morava distante e fazia lanche todas as noites para vender aos colegas de sala. Ia de ônibus e voltava andando para economizar transporte e utilizar no dia seguinte. Foi uma batalha muito árdua, mas eu cheguei lá. (ISB 2008b)**

Em relação às dificuldades enfrentadas, o entrevistado 5 (ISB 2008b) traz uma reflexão pertinente ao afirmar que: "Temos que lutar para destruir as barreiras psicológicas, que são aquelas construídas para que você se convença que é impossível."

Duas críticas são feitas em relação ao ISB e apontadas como dificuldades. A primeira delas é apresentada pelo entrevistado 9 (ISB 2008b), fala sobre a falta de estrutura existente no período em que cursava as aulas do pré-vestibular. Segundo ela, o principal motivo era que as aulas eram ministradas numa escola pública (ICEIA), sendo muitas vezes prejudicados pelas paralisações de transporte e greve de professores da escola pública. Esses e outros motivos interferiram negativamente nas aulas. Para o entrevistado 1 (ISB 2008b), as dificuldades eram em relação ao conteúdo programático, pois considerava-o um pouco fraco em relação a algumas disciplinas que iriam "pesar" na prova. O entrevistado 10 (ISB 2008b) traz um outro motivo comum aos que trabalham e responsável também pela evasão do curso, a conciliação trabalho e estudo, principalmente para aqueles que trabalham em regime de turno.

A auto-estima é identificada por Santos (2003) como imprescindível para o desenvolvimento pessoal e possibilita a ascensão social dos negros ao passo que lhe permite almejar novos objetivos, novas conquistar. O autor considera que na sociedade brasileira existe um "tripé pesado" que atinge grande parte da população negra. Acreditar que se é frágil intelectualmente é o primeiro sustentáculo desse tripé. A inferioridade intelectual, muito difundida durante o trabalho escravo, ainda nos dias atuais não permite que grande parte da juventude negra almeje entrar numa universidade e dê início a sua carreira acadêmica. O padrão de beleza, o segundo sustentáculo do tripé, é imposto por grande parte da mídia brasileira. E esse padrão de beleza é o europeu.

O terceiro sustentáculo desse tripé pesado é o que Santos (2003) denomina como uma espécie de caráter duvidoso, em que o negro é tido como aquele que não cumpre regras, não respeita as leis. A idéia de que o negro é um criminoso potencial impede seu acesso a determinados espaços. Para o autor:

> [...] o negro é tido como o menos apto para desenvolver atividades complexas e de cunho intelectual. Esteticamente é invisível, pois o padrão de beleza que se desenvolveu aqui o exclui e é, muitas vezes, tido como alguém eticamente não muito aceitável (SANTOS, 2003, p. 31).

Os encontros semanais das aulas de CCN têm duração média de sessenta minutos e são realizadas atividades como: palestras, mostra de vídeos, seminários, atividades de acesso à bens culturais como cinema, teatro e visitas a museus, leitura de texto, discussões em grupos, pesquisas e outros. Referindo-se ao vestibular da UFBA, que consiste numa

seleção compostas em duas etapas, onde serão testados os conhecimentos adquiridos ao longo da vida escolar, as desigualdades sócio-raciais e baixa auto-estima podem dificultar a conquista desse objetivo.

Mais uma vez houve na opinião dos entrevistados sobre a disciplina CCN. Todos relataram que gostavam das aulas essa disciplina esta, a principal diferença do Instituto em relação aos outros cursos preparatórios para o vestibular.

Segundo opinião do entrevistado 1 (ISB 2008b), a aula cria auto-estima, mostra que todo mundo é capaz e dá uma visão critica dos assuntos, com relação à comunidade negra de Salvador. Já para o entrevistado 11 (ISB 2008b), os outros cursinhos deveriam ter CCN. Para ele, os cotistas precisam dos conteúdos trabalhados nas aulas. Segundo o entrevistado 11 (ISB 2008b), a matéria só tem a somar na formação dos estudantes. Considera que os estudantes são desprovidos desses tipos de conhecimento na escola principalmente no que se refere à história da África, história dos afros descendentes, de movimentos políticos e ideológicos da causa negra. Em relação ao CCN, o entrevistado 8 revela que: " Eu não tenho opinião, tenho frutos, e quando esses frutos são aproveitados por outras pessoas, é muito positivo. O CCN não interferiu na minha vida só o período que passei na BIKO. Vira uma filosofia de vida". (ISB 2008b)

Para maioria dos entrevistados a reserva de vagas para negros nas universidades não deve ser entendida como mais uma forma de discriminação. Segundo o entrevistado 4 (ISB 2008b), o sistema de cotas, no momento, é o meio mais eficaz de igualdade entre negros de escolas públicas e brancos de escolas particulares, nele cada um disputa vagas com o seu igual. A grande maioria considera o sistema de cotas como um momento histórico. Para o entrevistado 9 (ISB 2008b) é um resgate de coisas que os negros sofreram. Considera que ainda não é o certo e que as cotas devem ser aplicadas em outros campos. Para ele, os cotistas mostraram que têm capacidade e conseguem bons resultados. O sistema de cotas é importante para o crescimento dessa população dentro da sociedade.

Alguns demonstraram preocupação em relação à permanência. O entrevistado 3 (ISB 2008b) relata algumas dificuldades enfrentadas pelos cotistas em sua permanência na UFBA e faz uma reflexão acerca da melhoria do ensino público. Acredita que as cotas só terão fim após mudanças no ensino "de base":

> **Deveria ter um acompanhamento. Para freqüentar as aulas precisamos de transporte, comida, material didático e nem sempre as pessoas que entram pelas cotas tem condições de permanecer. Pra que as cotas acabem devemos melhor a escola pública/ ensino básico. Acho que as cotas são uma forma de discriminação, acho que todo mundo deveria entrar na universidade pelo saber e não pela cotas e isso deve ser garantido com a melhoria do ensino. (ISB 2008b)**

Nas pesquisas realizadas (ISB 2008b) constatou-se que nenhum egresso foi aprovado nos cursos de maior concorrência como medicina e direito. Houve uma concentração de 69% na área 3, que compreende os cursos das humanidades. Ingressaram na área 1, 10,3%, na área 2 13,8%, e na área 4 com 6,9%. A área 5, artes não teve nenhum aprovado. Para 55,2% dos entrevistados cursavam os dois primeiros semestres. Cursavam o terceiro ou quarto semestre 37,9%. As outras duas opções, terceiro ou quarto e quinto ou sexto, tivera, 3,4% cada. Essa concentração de entrevistados aprovados em 2008 pode ser explicada por estarem com os dados e informações atualizados no cadastro do ISB.

Ainda em relação aos cursos e áreas com maior número de aprovação, o Instituto deveria exercer uma maior influência para descentralização dos cursos. Uma vez que se concentram na área de humanidades denominada pela UFBA de área 3, a principal ação para essa nova tomada de consciência pode ser a reprodução do exemplo do projeto Oguntec. Essa influencia pode levar os estudantes a optarem por áreas que compreendem as engenharias, medicina e outros cursos na área de saúde. No gráfico a seguir, houve uma mudança significativa na aprovação nos cursos da área 1 (ciências exatas). Essa mudança ocorreu, principalmente, no vestibular 2008 onde cerca de 40% dos aprovados ingressaram da área 1.

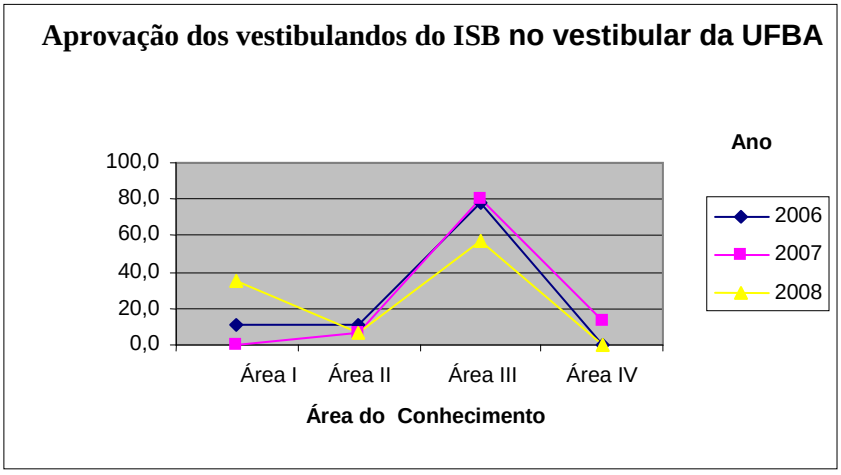

Gráfico 1 – Aprovação dos vestibulandos aprovados

Fonte: (ISB 2008b)

Uma outra pergunta, sobre a satisfação com o curso e se o universitário pretende mudar o curso, revelou que 93,1% está satisfeito com o curso e 86,2% não pretendem mudar de curso. Os cursos que foram citados por aqueles que pretendem mudar de curso, três entrevistados ou 10,3% foram: Ciências Sociais, Fonoaudiologia e Veterinária. Não estavam estagiando 79,3% dos entrevistados e o motivo para esse índice ter sido alto pode ser explicado por que a maioria dos entrevistados cursam entre o primeiro e quarto semestre.

Após o ingresso na UFBA, ocorrem mudanças significativas, tanto para os que ingressam, quanto para seus familiares e amigos. Para o entrevistado 4 (ISB 2008b) , " a mudança consiste na idéia sobre o que é a universidade e tive novas oportunidades e novas dificuldades o que me ajudou muito a crescer". O entrevistado 1 (ISB 2008b) declara que mudou a consciência e o modo de ver as coisas. E percebeu que tem muita dificuldade por ter estudado em escola pública. Ele passou a dar maior importância ao que ouvia falar na Biko em relação às dificuldades que enfrentaria na UFBA. Declara também que percebeu como é difícil ser negro e cotista dentro da UFBA.

Alguns discordam da declaração que a UFBA traz mudanças. Para o entrevistado 2 (ISB 2008b) não mudou nada, e há uma desilusão e falsa esperança que lá todos os seus problemas terão solução, considera que na verdade aparecem mais problemas. Mesmo assim acredita que a principal mudança é a expectativa de vencer. Para o entrevistado 13 (ISB 2008b) há uma mudança interna, o espaço da universidade é totalmente diferente de outros.

Um grande desafio para os universitários é pensar no mercado de trabalho após o curso. Enfrentar a concorrência e adversidades do mundo do trabalho é a principal preocupação do egressos do ISB.

5.3 EXPECTATIVA DOS EGRESSOS DO ISB EM RELAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO E INCLUSÃO SOCIAL

Em relação às expectativas com o mercado de trabalho, o entrevistado 14 (ISB 2008b) diz que:

> Não é positiva. Eu abro o jornal e vejo que vaga para estágio a cada quinze vagas para contábeis ou para administração tem duas para economia. Então, se eu for me

> espelhar nisso vejo que o mercado não é muito promissor e pra você se destacar na área tem que ser bom. Espero que seja só impressão.

O entrevistado 9 (ISB 2008b) relatou na entrevista que apesar de ter 54 anos pensa trabalhar até os 65 anos e enfrentar essas dificuldades com muita garra. Uma alternativa para o entrevistado 14 (ISB 2008b) é trabalhar na área de economia, mas voltada para questão social. Para o entrevistado 12 (ISB 2008b) , a possibilidade de conseguir emprego ficou maior, aumento da auto-estima, capacidade de compreensão de realidade, uma nova postura em relação à família, as perspectivas de futuro são mais as melhores possíveis. Muitos pensam numa carreira acadêmica, como é o caso do entrevistado 13 (ISB 2008b), que planeja trabalhar com pesquisas em antropologia e fazer um mestrado.

Ainda sobre as expectativas em relação ao mercado de trabalho, o entrevistado 15 (ISB 2008b) diz que são as melhores possíveis até porque seu campo de atuação é amplo. O entrevistado 7 (ISB 2008b) diz que vai dedicar-se a concurso, porém tem um pouco de receio em relação ao mercado de trabalho, uma vez que quando chegou à sala de aula, percebeu que a faixa de idade dos colegas é pequena. E pensa que pode sofrer discriminação pela idade no mercado de trabalho.

O entrevistado 8 (ISB 2008b) tem opinião que concorda com o pensamento da maioria em relação ao mercado de trabalho, ao dizer que: “È difícil e eu não estou estudando com a ilusão de que vou me formar e conseguir logo emprego na minha área, mas os concursos estão aí e vou tentar”.

A UFBA é um sonho possível? Para o entrevistado 6 (ISB 2008b):

> É mais do que possível, é um direito de todo cidadão. Eu tive vários colegas do cursinho que diziam que iriam fazer UNEB, eu não vi nenhum bicho de sete cabeças, aliás, eu não vi nenhuma cabeça naquele bicho. Basta se dedicar e estudar. A UFBA é mais que é possível seja para cotista ou não cotista.

O entrevistado 9 concorda (ISB 2008b) :

> É só a gente procurar os meios. Escolher o curso certo, não adianta você procurar um curso qualquer, é preciso fazer o que gosta e gostar do que faz. Eu estou no curso de arquivologia e pra mim é como se estivesse num curso de “maior graduação” como direito ou medicina. Pra mim meu curso é bastante importante e eu dou maior valor a ele.

O entrevistado 5 (ISB 2008b) relata que deve deixar de ser apenas um sonho e tornar-se uma realidade para a juventude negra: “É possível e espero que daqui haja alguns anos não seja mais um sonho. Pois para a juventude branca de Salvador é um objetivo. A UFBA é uma prática possível e realizável”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção dos 40 egressos do ISB através dos vestibulares 2005-2008 na UFBA é bastante significativa, uma vez que, em sua maioria, esses estudantes são oriundos de escolas públicas e pertencem à famílias chefiadas por mulheres e com renda per capita inferior a um salário mínimo. Além das novas possibilidades que resultam do acesso ao ensino superior, essa nova geração de negros também representa a realização do sonho de seus pais e familiares. A maioria, ao ingressar nos cursos de graduação e licenciatura tornam-se o primeiro membro de suas famílias a ingressar numa Instituição de Ensino Superior.

Por causa da baixo-auto estima, um candidato negro pode dominar boa parte dos conteúdos e não obter um bom desempenho por não acreditar ser “capaz” de fazer a prova e a partir do resultado dessa prova ingressar numa Instituição de Ensino Superior. Outra consideração importante é que a maioria dos egressos são, também oriundos de escolas públicas e enfrentaram dificuldades financeiras para a manutenção nos cursos. O ISB atua no sentido de minimizar essas e outras dificuldades dos negros.

Mesmo com a escassez de recursos, faz-se necessário considerar que o Instituto enfrenta dificuldades financeiras para manutenção de suas atividades, pois a colaboração mensal dos pré-vestibulandos e o valor de doações são insuficientes para o custeio das despesas mensais da Instituição. Após 16 anos, o ISB não desenvolveu ainda uma alternativa para sua sustentabilidade financeira.

Um cadastro com informações sobre os egressos é de extrema importância para manutenção das atividades do Instituto Steve Biko, uma vez que possibilita um acompanhamento de suas ações sociais. Estima-se que o ISB contribuiu para inserção de mais de 800 jovens nas universidades durantes seus 16 anos de existência, portanto, algumas informações básicas são

necessárias para dar credibilidade a este padrão de produção, estatísticas que mostrem resultados obtidos, podem influenciar na captação de recursos e possibilitar o reconhecimento das ações desenvolvidas pelo ISB.

A sistematização, baseada em banco de dados, pode trazer efeitos positivos para uma instituição que acredita no retorno daqueles que foram beneficiados. Importante lembrar que nas aulas de CCN é estimulado aos estudantes, que após seu ingresso nas universidades, retornem para dar continuidade ao projeto.

Uma instituição de educação que planeja transformar-se numa faculdade em 2012 deve rever essa carência de informação que impossibilita a que os próprios membros possam ter uma visão das ações produzidas. O Instituto deve monitorar e acompanhar o estudante durante e após a vida acadêmica. Mais que uma herança da ancestralidade africana, não sistematizar informações de egressos, informações financeiras e administrativa é fruto da falta de estrutura e de recursos, problemas estes, que o Instituto enfrentou durante os 15 anos de existência e que podem ser corrigidos com apoio do Projeto de Desenvolvimento Institucional – PDI que está em execução desde março de 2008.

De acordo com as declarações dos egressos, o Instituto Steve Biko vem desempenhando ações que contribuem para o ingresso da população negra nas universidades. Essas ações trouxeram mudanças consideradas positivas, como a elevação de escolaridade, aumento de expectativas em relação às possibilidades de emprego e renda do negro. Um outro item importante, de acordo com a declaração dos egressos, é que durante as aulas do pré-vestibular a tomada de consciência negra foi um aspecto importante para aprovação no vestibular e para elevação da auto-estima do grupo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Eliane. **Raça: conceito e preconceito**. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios)

BAIRROS, Luiza. Uma nova configuração da política racial. **Jornal Ìrohìn**. Ago./set. 2006, p.12-13. Disponível em: < http://www.irohin.org.br/ >. Acesso em: 20 jul. 2008.

BRAGA, Maria Lúcia de Santana (org). **Programa diversidade na universidade e a construção de uma política educacional anti-racista**. Brasília: UNESCO, 2007.

BRASIL. **Projeto de Lei n. 4.370/98**. Dispõe sobre a representação racial e étnica nos filmes e peças publicitárias. Disponível em: < http://www.camara.gov.br/sileg/Prop_Detalhe.asp?id=29506 >. Acesso em: 20 jul. 2008a.

_____ . **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em:.<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 20 jul. 2008b.

_____ . Ministério da Fazenda. Transcrição do pronunciamento do ministro da Fazenda, Antonio Palocci na cerimônia de transmissão do cargo**.** Disponível em <http://www.fazenda.gov.br/>. Acesso em: 20 jul. 2008c.

_____ . Fundação cultural Palmares. **Apenas 2% dos estudantes universitários são negros.** Disponível em <https://www.palmares.gov.br/>. Acesso em 21 jul. 2008d.

CARDOSO, Nádia Maria. **Manual de anti-racismo e direitos humanos para jovens**. Salvador. Instituto Steve Biko. 2005

CUNHA, Silvio Humberto dos Passos**. Um retrato fiel da Bahia**: sociedade-racismo-economia na transição para o trabalho livre no reconcavo açucareiro, 1871-1902 . Tese (Doutorado em Economia). UNICAMP, 2004

DANTAS, Cláudia. **Material Pedagógico do Cursinho pré-vestibular do Instituto Cultural Steve Biko**. Salvador. 2001

ESTAÇÃO da Juventude. Disponível em: <http://www.estacaodajuventude-ba.org.br/stevebiko.htm>. Acesso em: 20 jul. 2008.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

GOMES, Nilma Lino (org.) **Tempos de Lutas:** As ações afirmativas no contexto brasileiro. Brasília: MEC. 2004

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1982. (Coleção 2 Pontos).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Sistema Educacional Brasileiro**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/>. Acesso em: 10/07/2008

ISB. Instituto Steve Biko. Disponível em: <http://www.stevebiko.org.br/>. Acesso em: 20 jul. 2008.

ISB. Instituto Steve Biko. **15 anos de ação afirmativa**. Salvador, 2007.

ISB. **Pesquisa com estudantes egressos do ISB.** Salvador, 2008. Entrevista a George Roque Braga Oliveira.

KAMEL, Ali. **Não somos racistas:** uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor. Rio de janeiro: Nova Fronteira. 2006

LEONELLI, Vera. **ABC Direito Humanos:** dicionário. UNICEF. Salvador: Projeto AXÉ, 2002

NASCIMENTO, Guimário dos Anjos, Cidadania e consciência negra no Instituto Steve Biko**. 71 p. Monografia (Especialização em história e cultura afro-brasileira: fundamentos e metodologia). Fundação Visconde de Cairu, Salvador, 2007.**

PEAC. **Projeto Educacional Alternativa Cidadã**. Disponível em: < http://www.if.ufrgs.br/alternativa/diogo/projeto.htm >. Acesso em: 20 jul. 2008.
PNAD. Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório de Desenvolvimento Humano:** racismo, pobreza e violência. 2005. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/rdh/>. Acesso em: 20 jul. 2008.

PROUNI. Programa Universidade para Todos. Disponível em: <http: //www.prouni.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2008.

ROCHA, José Geraldo da (Org.). **Diversidade & ações afirmativas**. Rio de Janeiro: CEAP, 2007, p. 79 a 99.

ROCHA, Sonia. **Pobreza no Brasil:** afinal de que se trata? 2º ed. Rio de Janeiro. FGV. 2005.

SANTOS, Hélio. **A busca de um caminho para o Brasil**. A trilha do círculo vicioso. 2ª ed. São Paulo. Senac. 2003

SANTOS, Lindinalva Silva. **120 anos da luta pela igualdade racial no Brasil**. Manifesto em defesa da justiça e constitucionalidade das cotas. [Monografia]. Mensagem recebida por e-mail do destinatário em 12 jun. 2008a.

_____. Lindinalva Silva. **Cidadãos anti-racistas contra as leis raciais**. [Manifesto contra cotas]. Mensagem recebida por e-mail do destinatário em 12 jun. 2008b.

SANTOS, Sales Augusto dos (org.). **Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas**.. Brasília. MEC 2005

TAVARES, Juliana. Presença negra. **História Viva**, nº. 03, p. 90-93. 2006.

UFBA. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2004 / 2008**. Maio. Disponível em: <http://www.proplad.ufba.br/docs/PDI2004-20081.PDF>. Acesso em: 20 jul. 2008a.

_____ . Resolução 01/04. **Estabelece reserva de vagas na seleção para os cursos de graduação da UFBA realizada através do Vestibular.** Disponível em: <http://www.vestibular.ufba.br/cotas/resolucao0104.htm>. Acesso em 20 jul. 2008b.

VIDA, Samuel. O racismo institucional e as ações afirmativas enquanto dever do Estado. IN: SEMINÁRIOS E OFICINAS: O NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO. 2004. **Anais...** Brasília. TEM, 2004